



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CÉARA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

LUCAS VITORIANO LOPES CERQUEIRA

**A REVISTA *PHOINIX* E A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA NA ÁREA DE
HISTÓRIA ANTIGA (1984-2001)**

**FORTALEZA
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C395r Cerqueira, Lucas Vitoriano Lopes.
A revista phoenix e a historiografia brasileira na área de história antiga (1984-2001) / Lucas Vitoriano
Lopes Cerqueira. – 2017.
52 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de História, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Meize Regina de Lucena Lucas.

1. Historiografia. 2. Revista Phoenix. 3. História Antiga. I. Título.

CDD 900

LUCAS VITORIANO LOPES CERQUEIRA

**A REVISTA *PHOINIX* E A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA NA ÁREA DE
HISTÓRIA ANTIGA (1984-2001)**

Monografia apresentada à coordenação do
Curso de História do Departamento de História
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em História sob a orientação do prof.
Dra. Meize Regina de Lucena Lucas.

Aprovado em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Meize Regina de Lucena Lucas (Orientadora)

Prof. Dr. Francisco Regis Lopes

Prof. Dr. Kleiton de Sousa Moraes

FORTALEZA
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha família pelo apoio que sempre me deu nos estudos, como também em minha formação pessoal. Sou grato especialmente a minha mãe, Ana Lucia Vitoriano Lopes, por ter sempre acreditado em mim e me estimulado a me tornar sempre uma pessoa melhor.

Sou muito grato aos meus companheiros do Programa de Educação Tutorial (PET) por terem me ajudado em conversas e reuniões, lendo os textos por mim escritos e dando-me conselhos valiosos para melhora-los. Meus agradecimentos tanto aos tutores do programa, professor doutor Francisco Regis Lopes e a professora doutora Kenia Sousa Rios, como também aos bolsistas que me acompanharam durante todo o meu período de bolsa.

Meus agradecimentos ao professor doutor Kleiton de Sousa Moraes pela leitura deste texto. Agradeço também a minha orientadora, professora doutora Meize Regina de Lucena Lucas, por me haver orientado nesta pesquisa e feito observações e apontamentos importantes, auxiliando-me na escrita deste ensaio.

Por fim agradeço aos meus amigos por estarem sempre ao meu lado e me apoiarem. Agradeço a todos eles, em especial, as minhas amigas Emilly Moura e Anne Rodrigues que estiveram sempre tão presentes em minha vida.

RESUMO

O presente trabalho discute e problematiza o papel da revista *Phoinix* como veículo de comunicação para os historiadores da área de História Antiga, como também expõe as problemáticas referentes a História Antiga elencadas na revista. De forma mais ampla este trabalho também analisa os espaços para produção de pesquisas na área de História Antiga e de como esta área torna-se mais visível no decorrer das últimas décadas do século XX. Utilizando-se de historiadores como Peter Burke e Ciro Flamarion procura-se analisar as principais produções historiográficas escritas no decorrer do século XX que mais influenciaram a historiografia e, em particular, aos historiadores a publicar na *Phoinix*. Utilizamos também das reflexões de Pierre Bourdieu para percebermos as lutas de interesses empreendidas pelos pesquisadores de História Antiga.

Palavras-chave: Historiografia; Revista Phoinix; História Antiga.

ABSTRACT

The present work aims to discuss and discuss the role of Phoinix magazine as a vehicle of communication for the historians of the area of ancient history, but also expose the problems concerning ancient history listed both in the magazine. More broadly this work also analyzes the production of research in the area of ancient history and how this area becomes more visible during the last decades of the 20th century. Using historians as Peter Burke and Ciro Flamarion wanted the main 4 productions during the 20th century that most influenced historiography and, in particular, the historians to publish on Phoinix, we also use reflections Pierre Bourdieu to realize the struggles of interest undertaken by researchers of ancient history.

Keywords: Ancient History; Phoinix Magazine; Historiography.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PRODUÇÃO ACADÊMICA EM HISTÓRIA ANTIGA	10
2.1 A definição de historiografia	10
2.2 A produção historiográfica brasileira nos anos de 1980 e 1990	10
2.3 A Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos	20
2.4 Os pesquisadores de História Antiga	28
3 A REVISTA <i>PHOINIX</i> E A HISTÓRIA ANTIGA	33
3.1 A criação da revista <i>Phoinix</i>	33
3.2 Os interesses da <i>Phoinix</i> e o perfil da revista	39
3.3 A identidade da <i>Phoinix</i> e suas características	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
FONTES	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu do interesse em se analisar, com suporte em uma revista, a produção historiográfica brasileira na área de História Antiga dos anos de 1980 e 1990, estendendo-se aos primeiros anos do século XXI, e, por conseguinte, avaliar como os historiadores, articulistas do citado periódico, estavam inseridos em uma rede de reflexões e discussões acerca das teorias e conceitos vigentes neste período.

A *Phoinix* foi criada em 1995 pelos historiadores do Laboratório de História Antiga (LHIA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim, é uma revista voltada para o público acadêmico, estudantes e pesquisadores, com o objetivo de trazer discussões referentes à Antiguidade, que conta com a participação de uma gama variada de autores especialistas nesta área. Apesar disso, não são apenas historiadores a publicarem na revista, embora eles sejam maioria. Especialistas em outras áreas, como Haiganuch Sarian, graduada em Letras Clássicas e especialista em Arqueologia, publicou na magazine no ano de 1999. Henrique Fortuna Cairus formado em Letras e possuindo mestrado e doutorado em Letras Clássicas pela UFRJ, e Maria da Graça Ferreira Schalcher, mestra e doutora em Filosofia, ambos também publicaram na *Phoinix*, respectivamente nos anos de 1997 e 1998.

Esta pesquisa está dividida em quatro partes, inclusas introdução e considerações finais. Nesta primeira parte, “Introdução”, exporemos de forma breve os objetivos deste ensaio e a composição do mesmo. Na segunda parte, intitulada “Produção acadêmica em História Antiga” discutiremos sobre alguns dos principais e mais influentes autores no do século XX e de como suas obras contribuíram para o avanço da História ao proporem novos conceitos, fontes e problemáticas. Para tanto nos deteremos em explicar acerca de obras e autores importantes para a historiografia ao abordarem temáticas novas.

Em seguida analisaremos como foi a recepção destes trabalhos aqui no Brasil enumerando alguns dos principais autores a trabalharem com as temáticas emergentes no século XX. Por fim, cuidaremos de como a área da História Antiga se inseria em meio a essas discussões e quais as problemáticas e obstáculos que os historiadores desta área apontavam como importantes. Trataremos também de alguns eventos da área específica de conhecimentos clássicos caso das ações tomadas pela Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) criada em 1985 como também da criação de periódicos e informativos que tinham a História Antiga como temática principal.

Na terceira parte, “A revista *Phoinix* e a História Antiga”, nos retrataremos à revista em si. Será analisada a composição do periódico e como este se alterou de 1995, ano de sua

criação, até 2001, data que encerra o período por nós escolhido. O recorte temporal, de 1984 a 2001, tem como início a realização do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, se estendendo até um período até quando se pode perceber maior homogeneidade no seu *layout*. Desde o ano de 1999, principalmente dos anos 2000 e 2001, que ocorrem mudanças na *Phoinix*. Além do mais, em 2001¹ foi criado o Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) e muitos dos historiadores a publicarem na *Phoinix* se vinculam a ele². A criação do programa de pós-graduação em conjunto com os outros fatores acima citados, concluem os motivos para a escolha do recorte.

Apontaremos, ainda nesta terceira parte, os autores que publicavam com maior assiduidade na *Phoinix*, como também os especialistas em História Antiga que escolheram outros periódicos e outros espaços para divulgar suas pesquisas; tentamos mostrar em quais espaços era mais intensa e estimulada a produção acadêmica voltada para a área de História Antiga e como muitos dos estudiosos que procuravam se especializar neste terreno se vinculavam a estes espaços. Na análise dos artigos publicados na *Phoinix* abordaremos como eram tratadas alguns assuntos, como as discussões sobre o espaço urbano, a história das mentalidades e gênero.

Por fim, na última parte “Considerações finais”, sintetizaremos o que representou a revista *Phoinix* e também acerca de toda a produção na área de História Antiga nas duas últimas décadas do século XX. Esperamos mostrar à importância da revista e dos articulistas a nela publicarem para a produção historiográfica de uma época.

¹ Quanto a esta data, há uma divergência, pois no *site* do programa está expresso que ele foi criado em 2002, mas, no artigo *História comparada: olhares plurais* publicado na revista *Estudos ibero-americanos*, em 2003 (v 29 nº2), e posteriormente na *Phoinix* de 2004, o ano é 2001.

² Dentre eles podemos citar André Leonardo Chevitarese, Fabio de Souza Lessa, Marta Mega de Andrade, Neyde Theml, Norma Musco Mendes e Regina Maria da Cunha Bustamante.

2 PRODUÇÃO ACADÊMICA EM HISTÓRIA ANTIGA

2.1 A definição de historiografia

O objetivo deste trabalho é discutir acerca da historiografia referente a História Antiga, visualizando-a com suporte nas produções da revista *Phoinix*. É preciso, antes de tudo, definir o que é historiografia. Podemos compreender este termo como produto final do ofício do historiador, ou também, como o conjunto de obras produzidas por historiadores (CORDEIRO, 2015). Esta afirmação, porém lança uma dúvida: apenas os trabalhos dos historiadores podem consistir em historiografia? Se a história se constituiu como ciência apenas desde o século XIX, isso significa que o que era produzido antes não pode ser considerado como conhecimento histórico por ter sido escrito por aqueles que não eram historiadores?

Muitos autores considerem Heródoto e Tucídides como historiadores, embora a concepção de historiador, como hoje a compreendemos, ainda não existisse. Segundo François Hartog, não foi na Grécia que surgiu a História, mas sim a figura individual do historiador (HARTOG, 2011). Podemos compreender o que estes autores escreviam como sendo historiografia, se entendermos que o que era produzido relatava um acontecimento seguindo uma série de métodos (obviamente diferentes daqueles utilizados atualmente) e que possuíam pretensões de veracidade.

Consoante ensina Jorn Rusen, é o produto do conhecimento histórico obtido racionalmente, por via de métodos e regras que visem uma cientificidade. De opinião semelhante partilha o historiador Estevão Martins. Segundo ele historiografia é constituída pelos sujeitos socialmente reconhecidos como integrantes de uma corporação profissional de historiadores e só reconhecem algo como pertencendo à historiografia se este seguir uma série de procedimentos. Estes procederem, entretanto, mudam ao longo do tempo, razão por que historiadores utilizaram-se de obras escritas no passado como base para a elaboração de um conhecimento histórico, mesmo que estas obras não seguissem estes procedimentos³ (CORDEIRO, 2015).

2.2 A produção historiográfica brasileira nos anos de 1980 e 1990.

Antes de analisar os debates acerca da produção de História Antiga no Brasil, será importante entender a produção historiográfica à época. Procedendo aqui a um resumo das

³ Podemos citar como exemplo as obras de caráter histórico escritas no Brasil antes da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB): crônicas, literatura de viagem, bem como escritos de jesuítas, que eram utilizados para se compreender e analisar a cultura historiográfica do período.

principais correntes teóricas e temas estudados nesta época e de como os novos trabalhos produzidos se inseriam nestes debates historiográficos.

Inicialmente cuidaremos de como a História Cultural e a História Social ganharam maior destaque no Brasil e de como historiadores dessas áreas atuaram no setor acadêmico. Reportamo-nos, também, às áreas de pesquisa como gênero, história política, história econômica, micro-história, visto encontrarmos correspondência entre essas abordagens e parte substancial dos artigos publicados na revista *Phoênix*.

Podemos dividir a história cultural no Brasil em quatro fases. Foi essa a proposta da historiadora Laura de Mello e Souza, exposta em um artigo escrito no final dos anos de 1990, intitulado *Aspectos da historiografia da cultura no Brasil Colonial*. A autora entende a primeira fase, que vai de 1907-1936, definida como tendo produzido “Ensaio formativos” e ressalta a importância de determinadas obras como *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, e *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. A segunda fase, que vai de 1945 a 1959, é intitulada como “delimitação do objeto história da cultura” onde é ressaltada a importância das obras de Sergio Buarque de Holanda. A terceira fase trata de uma transição de história da cultura para história das mentalidades e ocorre de 1967 a 1986. A última consiste nas obras produzidas nos anos de 1990 tida como a consolidação da história cultural no Brasil por meio da história das mentalidades (CARVALHO, 2007).

De 1950 a 1970, havia intenso predomínio da influência marxista nas produções acadêmicas no Brasil, ou de obras que priorizassem uma compreensão socioeconômica da história. Por isso a demora na História cultural ganhar terreno neste meio. Embora existissem traduções de livros acerca da história das mentalidades já nos anos de 1970, estes não tiveram grande repercussão aqui no Brasil, até meados dos anos de 1980⁴. Não apenas os livros das escolas francesas sobre mentalidades tiveram dificuldade para se introduzirem no Brasil neste período, mas também as obras de Thompson e de Carlo Ginzburg (VAINFAS, 2009).

Foi com o final da ditadura civil-militar 1964-1986 que a produção historiográfica brasileira deixou de focar prioritariamente na luta de classes e passou a dar mais atenção as mentalidades. Tudo isto não significa, entretanto, que não houvesse produções deste gênero antes de 1990, mas apenas que este campo só ganhou maior destaque desde este momento,

⁴ Dentre estas obras, mencionadas *Magistrados e feitiças na França do século XVII* de Robert Mandrou, publicado em 1968 e traduzido pela Editora Perspectiva apenas em 1979. Outra destas obras são *O nascimento do purgatório*, de Jacques Le Goff e o livro *O medo no ocidente*, escrito por Jean Delumeau, em 1978, e traduzido no Brasil apenas em 1989.

além do mais é importante frisar que estamos nos referindo apenas às produções historiográficas e não às das demais ciências humanas com essa temática.

A inserção da História Cultural, mais especificamente a tratada pela terceira geração dos *Annales*, não se fez sem críticas, e houve os que condenaram as novas abordagens e problemáticas como de menor importância e, por não ter como foco as lutas de classes, até mesmo reacionárias. Jacob Gorender publicou, no começo dos anos de 1990 sua obra *A escravidão reabilitada*, na qual tecia críticas à influência da Nova História⁵ abordada pelos historiadores franceses e que chegara ao Brasil influenciando as produções acadêmicas. Dentre estas críticas, Gorender condena esse fazer historiográfico como “fragmentário”, “antiteórico” e “anti-histórico”. Outros destes autores a se reportar a Nova História foi Ciro Flamarion Cardoso. que elabora duras críticas à história cultural. Seu artigo “Uma “Nova História”?” começa com as seguintes palavras “Decadência dos *Annales*, recuso do marxismo...”. A crítica de Flamarion é, primeiramente, sobre esta Nova História não ser realmente nova e, em segundo lugar, que, embora ela proponha alguns pontos importantes, não as analisa adequadamente.

Sem ocultar minha oposição radical a uma “Nova História” que se afigura uma corrente retrógrada sob aparências de novidade e ousadia, procurarei não cair numa crítica abstrata e nihilista (...) algumas problemáticas abordadas pela “Nova História” são cabíveis e legítimas em si, por mais que a forma de abordá-las não seja a mais pertinente. (CARDOSO, 1988, p. 94-95).

Nova História é uma expressão que precisa de breve explicação. Embora tenha sido definida como referente a nova história produzida pela terceira geração dos *Annales* também pode designar qualquer história que cuide dos temas analisados por esses historiadores, independentemente de participarem ou não do grupo dos *Annales*. A crítica de Flamarion, embora dirigida ao grupo dos *Annales*, se referia, na verdade, a qualquer um que produzisse esse tipo de história.

Cardoso não é de todo contra as contribuições dos *Annales*. O autor enuncia vários pontos pertinentes de aproximação dos *Annales* até o ano de 1969 com as ideias marxistas⁶, é, porem, com suporte nas produções posteriores dos *Annales* que ele faz sua crítica e declara a

⁵ A expressão ficou conhecida e se refere à coleção de Pierre Nora e Jaques Le Goff sobre a Nova História contendo, três volumes “Novas abordagens”, “Novos objetos” e “Novos problemas”. Le Goff, em um livro intitulado exatamente de *Nova História* fala das novas temáticas abordadas: corpo, alimentação, sexo.

⁶ Ciro Flamarion Cardoso elabora seis características principais que aproximavam os *Annales* até 1969 com o marxismo. Podemos citar a vinculação da pesquisa histórica com as preocupações do presente e a convicção de que a consciência que as pessoas de uma determinada época têm de sua sociedade não corresponde à realidade social dessa época. A divisão de Cardoso que se encerra no ano de 1969, não é aleatória e sim porque foi nesta época que Fernand Braudel se aposentou na elaboração da revista dos *Annales*.

“Decadência dos Annales, recuso do marxismo”. No final do artigo, assim exprimi sua opinião sobre a nova história:

Trata-se de uma tendência basicamente reacionária. Mas a maneira correta de combatê-la é retomando, adequadamente, as temáticas por ela abordadas, que são em muitos casos pertinentes e solicitadas pelo momento atual. “Adequadamente” significa, acima de tudo, no contexto da recua de uma compartimentação setorial estanque da História; e da reafirmação da cognoscibilidade do todo social, mostrando ser ele pertinente para o conhecimento adequado dos aspectos mais parciais, específicos individuais. (CARDOSO, 1988, p. 114).

O que Cardoso condena, nas obras dos novos historiadores dos *Annales* como Jacques Le Goff e Le Roy Ladurie, é a grande importância que davam às mentalidades, à consciência coletiva as festividades ao quotidiano, pois, para ele, essa importância chegava a se sobrepor ou deixar de depender da esfera do social, pois estes autores deixavam de conceder relevo à economia, às revoluções e às classes sociais. Ciro Flamarion Cardoso cita os trabalhos de Mona Ozouf acerca da Revolução Francesa e, após elencar os pontos abordados pela autora, conclui sua análise do texto com uma pergunta irônica:

A pergunta que fica, lido o texto, é: onde foi para nisto tudo, a própria revolução francesa como revolução burguesa, como luta de classes? Perdeu-se, sumiu, foi escamoteada. (CARDOSO, 1988, p. 101).

Em suma, sua crítica era a de que os problemas principais se concentravam em grupos específicos (marginais, gays, prostitutas) o que incorria em anacronismos ao atribuir conceitos contemporâneos a épocas nas quais estes conceitos não existiam. Decerto que o anacronismo é um risco perigoso que todo e qualquer historiador procura evitar, porém é um risco que pode proporcionar grandes benefícios a uma pesquisa. É apenas ao se tentar ver no passado os problemas presentes que o historiador pode ousar analisar o passado de uma nova maneira, percebendo assuntos que de outro modo, não conseguiria enxergar (LORAX, 1992)

Cardoso acrescenta às suas críticas à Nova História a análise das mentalidades e do subjetivo que, por ser mover a um tempo muito mais longo e lento do que os tempos da economia e do social, incorria em uma análise que não percebia as mudanças e se restringia apenas em permanências⁷. Não nos podemos esquecer de que se estava criticando a Nova História francesa, e, ao mesmo tempo, defendendo uma história marxista, ou seja, a importância do materialismo histórico. Seu artigo é então uma crítica a um modo que considera errado de e fazer história e também uma defesa da maneira certa de fazê-la. Já antes

⁷ As críticas se dirigiam, para citar nomes, a obras como *Montaillou*, de Le Roy Ladurie, uma das pioneiras sobre micro história, e as diversas obras de Le Goff, tratando do imaginário.

de Cardoso, nos anos de 1970, o historiador francês Pierre Vilar fazia apontamentos semelhantes ao criticar o trabalho de Michel Vovelle por estudar as festas revolucionárias na Revolução Francesa e não a própria revolução ou a luta de classes, algo considerado por Vilar de muito maior importância. Outro a se referir contrário à Nova História foi Stuart Clark, que criticava os trabalhos acerca da feitiçaria.

O avanço da Nova História e sua maior inserção no espaço acadêmico nos anos de 1980 e 1990 pode ser visto nos vários trabalhos produzidos nesta época. Obras de Ronaldo Vainfas, como *Trópico dos pecados e Heresia dos índios* e outras, como *Rosa egípciana, uma santa negra no Brasil* e *Ao sul do corpo*, de Luiz Mott e Maria del Priori, respectivamente, e que tratam da homossexualidade e da condição feminina no Brasil colonial. Como todo campo em disputa muito se debateu acerca de qual modo de história era o mais correto. Críticos e defensores da nova história expressavam opiniões em artigos e em jornais. Os debates eram:

Um total desacerto, um debate de surdos. O mais curioso, embora patético, é que a imensa maioria dos debatedores – historiadores, portanto – não sabia do que estava falando. Tratavam história cultural e história das mentalidades como sinônimos, desconhecendo completamente que a chamada nova história cultural, em todas as suas modulações, era um caminho cada vez mais trilhado nos anos 1980 para superar as imprecisões e ambiguidades teóricas da história das mentalidades francesa. E esta confusão vale não só para os críticos das novas correntes como para os mesmos praticantes dela, que muitas vezes anunciavam seus trabalhos inserindo-os na história das mentalidades ou na história cultural, como se tudo desse no mesmo. (VAINFAS, 2009, p. 233).

Refiramo-nos agora aos principais temas de análise que podem ser vistos nas diversas obras produzidas no Brasil e que nos ajudam a perceber a produção historiográfica da época. Primeiramente, falarei da História das Ideias, expressão não muito precisa e que viu no marxismo histórico um de seus maiores obstáculos. Apesar disso, Marx nunca foi contrário à importância das ideias na compreensão do social; muito pelo contrário, sua contribuição, no século XIX, para o que viria a se chamar futuramente de História das Ideias se deu na percepção de que as ideias são produtos socialmente determinados e não constituíam uma esfera fechada e separada do real. Muitos autores, ao analisarem as produções e correntes teóricas da primeira metade do século XX classificam a História das Ideias que tinha como seu principal representante Arthur Lovejoy, uma dessas correntes de maior destaque⁸.

⁸ Peter Burke, ao analisar o horizonte da História Cultural, o divide em cinco correntes: História das Mentalidades, representada por Marc Bloch; Modelo Marxista, por Frederick Antal, Arnold Hauser e Francis Klingender; a História das Ideias, de Lovejoy; A Análise, de Walburg, em termos de tradição, e o Processo Civilizador, de Norbert Elias. Já Kringer divide as escolas intelectuais em cinco, onde está também inserida a História das Ideias de Lovejoy.

Este campo não é exclusivo da História e é analisado por outras ciências humanas. É uma área que conseguiu mais espaço na historiografia alemã, italiana e anglo-saxônica. Pelo fato de a dicção “História das Ideias” ser muito ampla e vaga, difícil de se delimitar, há os defensores de que ela deva ser incorporada à História Cultural ou História Intelectual.

Nos anos de 1960 a meados de 1990, muitas foram as contribuições de vários intelectuais à História das Ideias e às mentalidades. Chartier com seu conceito de representação, Bourdieu com suas análises do poder simbólico e Foucault, cujas obras tiveram grande influência em diversos outros autores. Não é à toa que Paul Veyne escreveu, em 1978, sua obra *Foucault revoluciona a história*⁹. Aqui no Brasil, este terreno pode ser visto nos trabalhos tanto de História Econômica, como social, política ou cultural, as temáticas analisadas também variam, visto que se pode produzir História das ideias de qualquer época¹⁰.

Outro campo importante é o do estudo do gênero, mas, antes mesmo de ele surgir, havia estudos focados na História das Mulheres, surgidos nos anos de 1970 e tinham grande vinculação com a política e com o feminismo¹¹. As produções desta época visavam a expor as opressões e injustiças sofridas pelas mulheres no decorrer da história, além de dar maior visibilidade às mulheres no fazer histórico e reivindicar heroínas (e não apenas heróis, como era mais comum), uma prova da atuação das mulheres. As intelectuais desta época reivindicavam por uma história que não retratasse e fosse escrita apenas por homens.

Foi somente nos anos de 1980 que começou a surgir uma separação entre a ação política na produção acadêmica, visando, assim, a que as mulheres, ao escreverem sobre a história das mulheres, não se deixassem levar por suas experiências e lutas políticas, podendo, assim, interpretar com conceitos já formados os fatos do passado. Em outras palavras, ir às fontes, já procurando encontrar aquilo que querem e assim direcionando e limitando o olhar rigoroso do estudioso. Neste mesmo tempo, também se passou a falar cada vez mais de “gênero”, este entendido como relações de poder entre os sexos, não necessariamente entre homens e mulheres, em períodos históricos específicos.

Esta mudança, esta despolitização das lutas das mulheres, foi considerada positiva por uns e negativa por outros. Os que defendiam a mudança enfatizavam que a vinculação política era negativa, visto que interferia na análise e crítica histórica em prol dos objetivos políticos;

⁹ A obra já possui tradução para o português em 1981, em uma versão da UnB.

¹⁰ Para citar algumas obras temos os seis volumes de *História da inteligência brasileira*, de Wilson Martins, *Ideologia da cultura brasileira* (1975), de Carlos Guilherme Mota, *Evolução do pensamento político brasileiro* (1989), de Vicente Barreto e Antônio Paim, entre outros. Ver *Domínios da História* parte I cap. 4.

¹¹ Era tão forte a ligação entre a história das mulheres e a política que Joan Scott usou a expressão *movimento da história das mulheres*, haja vista o caráter político desse tipo de produção.

em outras palavras, as obras produzidas dariam mais importância em relatar e condenar as injustiças feitas contra as mulheres do que um proceder rigoroso de métodos e crítica do período estudado. Richard Cobb, ao criticar um trabalho de Simone de Beauvoir, sugeria que as feministas não poderiam ser boas historiadoras. Para os que criticavam tal mudança, os argumentos eram de que, sem a vinculação com a política, esses trabalhos estariam mortos e se reduziriam a apenas uma disciplina acadêmica, perdendo, assim, seu sentido social.

Foi nos Estados Unidos onde o feminismo ressurgiu com força e as produções acadêmicas sobre a História das mulheres tiveram grande aceitação. Os motivos que justificavam esses estudos estavam ligados à igualdade entre os sexos, à independência das mulheres ao direito sobre suas vidas e corpos. Houve também o apoio das faculdades, ainda nos anos de 1960, para que as mulheres se inserissem no ensino superior. Foram oferecidos bolsas de estudo e apoio financeiro para estimular estas mulheres a se inserirem nas faculdades. Havia o reconhecimento de que elas podiam em muito contribuir com seus conhecimentos¹².

A nova atenção que a história das mulheres e os estudos de gênero proporcionaram ao passado foi que esse havia sido analisado de modo incompleto, pois havia grande lacuna ainda não preenchida. Procurando, então, analisar o passado de maneira mais completa, muitos foram os estudos produzidos que se focaram nas mulheres.

Com a história social, o estudo das mulheres pode se concentrar nos seus papéis sociais. As historiadoras puderam analisá-las em distintas classes sociais, como escravas, camponesas, professoras, entre outras. Joan Scott, por exemplo, analisou os efeitos da industrialização nas mulheres. As historiadoras poderiam, sem perder a cientificidade de seus trabalhos, como muitos haviam apontado, produzir obras que analisassem a história das mulheres, mantendo todo o rigor e seriedade de um ensaio acadêmico.

Podemos ver no Brasil muitos escritos que cuidavam de analisar as mulheres em distintas épocas. Citando um dos mais famosos, Maria Odila escreveu o seu livro *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*¹³, uma obra que teve grande repercussão. É, porém, possível ir mais a fundo e mostrar outros trabalhos que já tratavam da condição feminina desde o final dos anos de 1980. Um destes é o realizado pela antropóloga Maria do Amparo Rocha Caridade. Na sua dissertação de mestrado, a autora analisa a repressão da sexualidade,

¹² Isso não significa que tal inserção das mulheres nas universidades tenha ocorrido de modo tranquilo. Muitas feministas denunciavam as desigualdades sofridas pelas mulheres nesses meios, as diferenças salariais e os preconceitos por elas sofridos.

¹³ Esta é uma das obras mais famosas da autora e trata de mostrar a experiência social das mulheres pobres livres e escravas.

por parte da instituição penal, na colônia penal feminina única de Pernambuco, onde, diferentemente de outras penitenciárias contemporâneas, não era permitido às detentas receberem visitas íntimas¹⁴. Outros trabalhos de áreas diversas das ciências humanas foram produzidos com esta temática, mostrando assim o maior interesse por esse tema¹⁵.

Quanto à História Social, podemos dizer seguramente que toda história tem um pouco de história social, visto que tem como objeto de análise as pessoas, mas a História Social, como área ficou mais claramente estabelecida nos anos de 1950 e 1960¹⁶. A História Social galgou muito espaço na produção acadêmica britânica e estado unidense. Quanto à produção britânica, foram muitos os historiadores marxistas que se destacaram na segunda metade do século XX; como Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Maurice Dobb e Edward Thompson, produzindo obras importantíssimas para este seara¹⁷. Foi por meio das publicações na revista *Past and presente*, em 1953, que podemos perceber muitos dos debates travados por estes autores. Em 1956, houve uma ruptura entre os historiadores que publicavam nesta revista e assim foi criada, em 1959, a revista *New left*, a que Thompson se associou, mas rompeu com ela por divergências com Perry Anderson.

Quanto aos estudos em História Social na França, ainda nos anos de 1960, Hebe Castro nos ajuda a ter uma ideia das problemáticas e metodologias naquela época.

A história social em sentido restrito surgiria, assim, como abordagem que buscava formular problemas históricos específicos quanto ao comportamento e às relações entre os diversos grupos sociais. Formulava, para tanto, primeiramente, problemas relativos à explicitação dos critérios usados pelo historiador na delimitação desses grupos. As discussões sobre a operacionalidade dos conceitos de classe social (numa perspectiva marxista) e de estamentos sociais (numa perspectiva weberiana) na análise histórica da sociedade francesa do Antigo Regime, e na Revolução Francesa em particular, tenderam a monopolizar as discussões teóricas em história social na França, na década de 1960. (CASTRO, 1997, cap. 2).

O método quantitativo ganhava força nesse tempo e ajudava a proporcionar uma visão mais clara de um todo social. A análise de certidões de nascimentos, casamentos, inventários,

¹⁴ O trabalho foi fruto da dissertação de mestrado de Maria do Amparo, defendida em 1988, e contou com entrevistas tanto com as detentas como com os funcionários da instituição penal. Dentre os autores mais utilizados por ela é visível a influência de Foucault, sendo, junto com Freud, o autor mais citado nas referências bibliográficas.

¹⁵ Na área de Sociologia, temos “Mulher e política: as relações de gênero no PMDB de Santa Catarina”, dissertação de mestrado de Clitia Helena Backx Martins. Outro exemplo é a dissertação de mestrado em História de Maria Bueno Bastos “Outras palavras, outras imagens: movimentos feminista na cidade de São Paulo nos anos 70/80”.

¹⁶ Esse campo teve grande influência dos estruturalismos, da antropologia e do modelo marxista, da concepção do tempo de longa duração e do foco, já afirmado pelos fundadores dos *Annales* de uma história não mais centrada nos grandes indivíduos, mas nas conjunturas e no coletivo.

¹⁷ Citando apenas os mais famosos temos *A formação da classe operária inglesa* de Thompson, *a Era do capital* e as demais três obras desta coleção produzidas por Eric Hobsbawm.

testamentos, documentos eleitorais entre outros, ajudava a entender como se davam as relações sociais, mobilidade social, estratégias matrimoniais, concedendo, assim, um recurso a mais para ser empreendido pelos pesquisadores. Áreas como a história da vida privada e a história da família foram beneficiadas com tal tipo de fontes e os métodos quantitativos. Vale ressaltar que, para a análise quantitativa, muito só foi possível em razão da informática que em muito agilitou o trabalho dos pesquisadores. Apesar das limitações e armadilhas em se utilizar de métodos quantitativos já citados, a história quantitativa em muito acrescentou aos trabalhos históricos e sua utilização torna muito mais tangível e sólidos os argumentos utilizados, pois dá uma estimativa mais precisa do que se pretende debater.

Foi, porém, no final dos anos de 1970 que houve uma crise dos estruturalismos. Os intelectuais perceberam que não era mais possível “encaixar” a realidade social e o comportamento das pessoas a estruturas como as propostas por Braudel ou por Marx. Foi com início em Thompson e na História vista de baixo, que outras noções como a de experiência e cultura foram implementadas à análise social¹⁸.

Tratando de como foram recebidas as influências da História Social aqui no Brasil, podemos dizer que ela primeiro chegou por meio das Ciências Sociais. Os primeiros trabalhos acerca de uma história social dos negros e da escravidão foram só de Florestan Fernandes¹⁹. Além do mais, em 1960, muitos dos textos produzidos nesta área foram realizados por sociólogos²⁰.

Nos anos de 1970 e 1980, três áreas mais se destacaram entre as produções de História Social aqui no Brasil: história da família, história da vida privada e história colonial e da escravidão. A história da família definiu-se como campo específico aqui no Brasil desde 1980, as pesquisas realizadas nesta área, influenciadas pela demografia histórica, cuidavam de assuntos como a fecundidade, equilíbrio entre os sexos e estrutura familiar. Posteriormente novas modalidades de se estudar a história da família foram priorizadas, como a pluralidade dos arranjos familiares e as estratégias utilizadas pelos grupos familiares. Alguns desses

¹⁸ No que tange a este ponto a aproximação com a Antropologia em muito ajudou para a utilização de rituais, imagens e mitos em fontes históricas. Além do mais, novas metodologias tiveram que ser desenvolvidas para se poder compreender a experiência dos marginalizados ou excluídos em fontes que não haviam sido produzidas por eles. A obra *O queijo e os vermes*, de Carlo Guinzburg é um exemplo pertinente, pois analisa a visão teológica de um moleiro, tendo como fonte os documentos da Inquisição que o julgaram. Aqui no Brasil podemos citar, novamente, *Quotidiano e poder* de Maria Odila.

¹⁹ Citamos o trabalho de Florestan Fernandes, *A integração do negro da sociedade de classes*, publicado em 1965, mas houve outros, como *As metamorfoses do escravo. Apogeu e crise da escravidão no Brasil e Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*, escritos ambos em 1962, respectivamente por ele.

²⁰ Podemos citar alguns trabalhos produzidos no final da década de 60, são eles *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*, *Sindicato e desenvolvimento no Brasil* e *Sindicato e estado, suas relações na formação do proletariado de São Paulo*.

trabalhos focavam no papel da mulher na família ou na história da sexualidade. Quanto à história social do trabalho, as temáticas principalmente abordadas se referem à formação de identidades sociais, controle social, cidadania e ao espaço urbano. Os grupos analisados são muitas vezes os sindicatos e as classes operárias²¹. Quanto à terceira e última área, a da história colonial e da escravidão, a Universidade de São Paulo é o ambiente onde muitos trabalhos de história colonial foram produzidos. Quanto à história da escravidão, podemos citar vários polos onde pesquisas desse porte foram realizadas: na Universidade Federal da Bahia, Universidade de Campinas e na Universidade Fluminense²² (CASTRO, 1997).

É também nesta época, final dos anos 1980, mas principalmente nos anos de 90, que os trabalhos relacionados a História Antiga ganham ainda mais fôlego aqui no Brasil, constatamos isso com a criação da revista *Clássica*, em meados dos anos de 1980 e, futuramente, com a criação da revista *Phoenix* em meados da década seguinte.

Dentre as várias obras acerca da História Antiga produzidas no final do século XX podemos citar *O Público e O Privado Na Grécia do VIII Ao IV Séc. A.C.: O Modelo Ateniense* (1998), de Neyde Theml, como também um capítulo da mesma autora no livro *História e imagem* (1998). Norma Musco Mendes escrevera *Roma Republicana* (1988), Ciro Flamarion Cardoso escrevera *Sete Olhares Sobre a Antiguidade* (1994) e *Deuses, múmias e ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia* (1999). Notamos, assim, uma vasta produção nesta área. Também devemos levar em consideração o fato de que muitas obras de historiadores da Antiguidade foram traduzidas e eram utilizadas pelos historiadores brasileiros. A obra *O mundo de Ulisses*, de Moses Finley, foi referida pelos historiadores da *Phoenix*²³. Outras obras foram utilizadas mesmo em línguas estrangeiras como *Ancient slavery and modern ideology* e *Politics in the ancient world* também de Finley. Para a análise de mulher na Antiguidade, tema comum na revista, as obras

²¹ Citando alguns dos trabalhos nesta área o já tantas vezes mencionado *Quotidiano e poder*, mas podemos ir além, *Trabalho urbano e conflito social*, de Boris Fausto; Sidney Chalhoub, *Lar e botiquim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque*, José Murilo de Carvalho, com *Os bestializados do Rio de Janeiro e a República que não foi*.

²² Quanto à produção na Universidade da Bahia, mencionamos os trabalhos da escravidão moderna. Os de João José Reis podem ser citados a título de exemplo, *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX* e *Rebelião escrava no Brasil*, produzidos, respectivamente em 1986 e 1991. No que tange à produção na Unicamp, a existência da linha de pesquisa sobre escravidão e trabalho livre, Sylvia Lara, *Campos da violência. Escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro 1750-1808*, e a obra de Celia Marinho *Onda negra, medo branco. O negro no imaginário das elites. Século XIX*. No caso da Universidade Fluminense, a linha de pesquisa sobre história agrária, a qual podemos citar o trabalho *Ao sul da história. Lavradores pobres na crise do trabalho escravo*.

²³ Podemos vê-lo sendo utilizado em um artigo de Alexandre Carneiro Cerqueira Lima na edição de 1998 da *Phoenix*.

da Cluade Mosse estão em diversos artigos²⁴. Autores como François Hartog e Pierre Vidal-Naquet também são muito recorrentes. Muitas vezes as obras utilizadas não estão em português o que mostra como era comum os pesquisadores da *Phoenix* se utilizassem de obras em línguas estrangeiras para suas pesquisas. Mikhail Bakhtin é utilizado para se analisar a cultura popular²⁵, já Michel Foucault para análise da sexualidade.

A criação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos deve ser percebida como um marco importante para a História Antiga. Alguns dos autores a publicar na revista compareceram ao I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, evento diretamente ligado com a criação dessa instituição. Devido a isso iremos tratar mais detalhadamente da SBEC, explanando sobre sua criação e as ações por ela tomadas com o intuito de maior divulgar e promover o ensino e a pesquisa em História Antiga no Brasil.

2.3 A Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Analisaremos a produção de pesquisas na área da História Antiga, entendendo esta como cobrindo livros e artigos que abarcam o tema. Embora o foco sejam os trabalhos realizados por historiadores, também estudarei a produção nesta área realizada por profissionais de outros cursos dentre as ciências humanas (Letras, Antropologia, Sociologia, Arqueologia). É nosso objetivo entender a organização e constituição da pesquisa em História Antiga no Brasil. Para isto, é indispensável ir além da produção realizada por historiadores, pois não foram somente eles a produzir neste meio.

Para tanto a análise é dividida pontos-chave visando assim, a entender como se articulava a produção nesta área. Primeiramente, com a análise da criação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e sua importância na articulação e divulgação de trabalhos científicos de História Antiga. Mais adiante nos deteremos nos principais autores que pesquisavam esta temática, os meios onde expunham seus trabalhos e os acervos existentes no Brasil para a pesquisa em História Antiga.

Para compreendermos a criação da SBEC, é preciso primeiro entendermos um evento importante para os pesquisadores de História Antiga ocorrido em meados dos anos de 1980. Em 1984, foi realizado em Belo Horizonte o I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, com

²⁴ A obra *La mujer em la Grecia antiga* é uma dessas obras utilizadas, outra delas é *A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo*.

²⁵ Sua obra *A cultura popular na Idade Media e no Renascimento: contexto de François Rabelais* é citada diversas vezes.

o tema *O mito de Édipo*²⁶. O evento contou com palestras, mesas-redondas e reuniões de grupos de trabalho. O Congresso contou, também, com participação de estudantes e pesquisadores de varias instituições como informado neste excerto:

Presidiu à Sessão de Abertura o Prof. Dr. José Henrique Santos, Reitor da UFMG, e contou-se, nas sessões acadêmicas, com grande frequência de estudantes e com a participação de pesquisadores da própria UFMG e, ainda, da FLM, da PUC-MG, da ESTEB-MG, do CSCJ-BH, do CPM, da FGV, da UFU, da UFOP, da USP, da UNESP, da UFRGS, da UFRJ, da UFF, da FFCLBH, da EGB. (CARDOSO, 1984, cap. 2)

Os trabalhos sustentados no evento foram reunidos posteriormente e deram origem a dois livros. O primeiro é *O enigma em Édipo Rei e outros estudos de teatro antigo*, organizado por Jacyntho Lins Brandão, doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Lins Brandão era um pesquisador já experiente lecionava, desde 1977, na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo uma formação ampla realizando inúmeros cursos de línguas em varias universidades²⁷ além de ter lecionado nada menos do que 16 disciplinas que tratavam de Literatura, mitologia e línguas gregas na UFMG.

Este livro continha os trabalhos que tratavam diretamente do mito de Édipo. O segundo livro organizado por Jacyntho Lins Brandão²⁸, em parceria com Neiva Ferreira Pinto, na época mestranda pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e chefe do Departamento de Letras Clássica da UFMG, intitula-se *Cultura clássica em debate* e continha os demais trabalhos que não tinham relação com a temática do Congresso, mas traziam também importantes reflexões acerca dos estudos clássicos.

O Congresso contou com o apoio da UFMG, como também de vários órgãos, como a Secretaria de Cultura e Turismo de Belo Horizonte, do CNPq, do Consulado da Itália em Belo Horizonte, da Embaixada da Grécia e do Centro de Recursos Humanos João Pinheiro. Podemos perceber assim a amplitude deste evento que, já em seu primeiro ano, contava com apoio internacional.

No ultimo dia do evento realizou-se uma sessão plenária que homologou a criação da SBEC, oficialmente, em julho de 1985. Enquanto, porem, a SBEC ainda não havia sido

²⁶ Édipo é um personagem da mitologia grega. Ele mata o pai, casa-se com a mãe e por fim se cega. A história de Édipo foi retratada por Sófocles em suas obras *Édipo rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*.

²⁷ Realizou o curso de Língua Hebraica de 1978 a 1981 na Associação Israelita Brasileira (AIB). Ainda em 1978, participou do curso de Estudo da Evolução das Línguas Literárias Românica na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em 1974, participara também do curso de História da Filosofia Grega na UFMG.

²⁸ Jacyntho Lins Brandão graduou-se em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1977 e realizou doutorado em Letras Clássicas de 1984-1992 na Universidade de São Paulo (USP), participando da comissão de organização do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos e exercendo cargos importantes no SBEC.

criada, os membros do Departamento de Letras Clássicas da UFMG não ficaram parados, pois criaram o Boletim de Estudos Clássicos (BEC), um pequeno jornal que continha informações importantes ao público acadêmico interessado em História Antiga. O BEC trazia informações sobre descobertas arqueológicas, cursos, publicações, semanas de estudo entre outras notícias importantes. Apesar do pouco tempo de circulação, o BEC teve sua última publicação em 1989. Esse periódico teve seu valor e também relevância e seu fim foi logo compensado, alguns anos mais tarde, de 1995 a 1997, com as informações sendo transmitidas por meio digital. Embora os computadores de uso pessoal não fossem tão comuns e acessíveis, e o mesmo se aplicando à internet, ainda assim, era mais fácil conseguir essas informações pela internet do que pelos periódicos impressos.

Com a fundação da SBEC em 1985, ficou decidido que sua sede jurídica seria no Departamento de Letras Clássicas da UFMG. Os estudantes e pesquisadores que haviam participado da assembleia de fundação ganharam o direito de se tornarem membros-fundadores da SBEC²⁹. A diretoria escolhida para a sociedade recém-criada contou com os já citados Jacyntho Lins Brandão e Neiva Ferreira Pinto, nos cargos de secretário-geral e secretaria-adjunta, respectivamente, ambos da UFMG e com formação em Letras. A presidente Haiganuch Sarian apresentou vários trabalhos no Congresso realizado em 1984, além de ter efetuado pesquisas no Museu Nacional do Rio de Janeiro com o acervo de História Antiga. Sarian era uma pesquisadora muito atuante e conhecida na área de História Antiga possuindo doutorado pela Universidade de Caen (França) ainda em 1966 e membro estrangeiro da *École Française d'Athènes* (1966-1968). Sarian também chegaria a publicar inúmeros trabalhos em anais de congressos e revistas³⁰.

No ano seguinte, em 1986, a SBEC criou várias subsecretarias que iriam se ocupar em promover e divulgar eventos referentes a História Antiga. Estas subsecretarias eram divididas por estados ou por um único estado, tendo ainda o caso da SE4 que correspondia apenas a cidade do Rio de Janeiro e o SE3 que correspondia ao restante do estado do Rio de Janeiro³¹. Dentre os eventos apoiados pelas subsecretarias podemos citar a já tradicional Semana de Estudos Clássicos efetuada na UFRJ, o Colóquio de Filosofia e Cultura Grega realizado pela

²⁹ Este direito estendeu-se a qualquer um que se associou a SBEC até o dia 31/12/1985.

³⁰ O texto *Arqueologia Clássica nos Museus Brasileiros* foi publicado no jornal do *Estado de São Paulo* em 1978. Já *Arqueologia da imagem: aspectos teóricos e metodológicos na iconografia de Héstia* foi apresentado nos Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul em 1998.

³¹ Inicialmente foram criadas oito subsecretarias, mas este número variou com o passar dos anos. Pouco tempo depois, foram criadas mais duas, uma correspondente a Brasília e outra à Bahia.

subsecretaria de Minas Gerais, o Seminário de Estudos Clássicos efetuado pela subsecretaria SE3, entre outros.

Em 1988 a SBEC já pretendia iniciar as impressões de uma revista acadêmica voltada para os pesquisadores de História Antiga. Esta revista foi a *Clássica*, que perdura até os dias atuais. Na época, entretanto, por razões de ordem econômica, a publicação do primeiro número da revista teve que ser adiada. Neste mesmo ano, ocorreu também a terceira reunião anual da SBEC, no Rio de Janeiro, com recursos oferecidos pela CNPq e pela Amil, além de diversos órgãos da UFRJ. Importante é ressaltar os esforços da UFRJ, pois foi ela, em especial o Laboratório de História Antiga (LHIA), que organizou em 1995 a revista *Phoenix* à qual dedicaremos a segunda parte deste trabalho.

Jacyntho Lins Brandão havia elogiado a cooperação da UFRJ para a realização da terceira reunião anual da SBEC. Ele também se expressa a respeito do crescimento da SBEC e de sua maior importância.

As Reuniões Anuais vão-se impondo como momento privilegiado na vida de SBEC. De ano para ano pode-se constatar o aprimoramento dos processos de organização, a elevação do nível da programação científica, o enriquecimento da programação artística, o aumento do número de participantes e a diversificação de sua procedência. (PINTO e BRANDÃO, 1984).

De fato, a importância da SBEC é inegável. Primeiramente, os eventos por ela realizados em escala nacional, que permitiram que vários profissionais com áreas de atuação em comum pudessem se encontrar e divulgar seus trabalhos, assentindo, assim no intercâmbio de ideias e fazendo com que pesquisadores de áreas diversas se encontrassem, favorecendo a interdisciplinaridade. As subsecretarias, ao promoverem eventos regionais, possibilitavam que estudantes e pesquisadores que, por pretextos diversos não pudessem comparecer aos eventos de maior porte também tivessem acesso a palestras, mesas-redondas e debates.

Não nos podemos esquecer de que, mesmo para aqueles que não puderam comparecer a muitos dos eventos realizados, foi possível que tivessem acesso ao conteúdo debatido nestes eventos em razão dos livros publicados reunindo os artigos enviados pelos pesquisadores que se apresentaram nos eventos³².

Nos anos de 1984 a 1995, a SBEC publicou nove livros, sendo a maioria deles contendo trabalhos de seminários. O já citado *Cultura clássica em debate*, para citarmos um exemplo,

³² Já foram aqui citadas as obras *Cultura clássica em debate* e *O enigma em Édipo rei e outros estudos de teatro antigo*. Além destes, *Cultura grega clássica*, que traz conferências do curso de cultura grega clássica, e o livro *Mito ontem e hoje* que reúne os trabalhos apresentados no seminário internacional "Atualidade do mito", ambos organizados pela subsecretaria Regional Sul 1 da SBEC.

foi um dos primeiros livros publicados pela SBEC e contou com o apoio de vários órgãos, entre eles o Consulado da Itália em Belo Horizonte e a Embaixada da Grécia no Brasil. O trabalho foi dividido em cinco partes, cada uma contendo trabalhos de áreas distintas: Arquitetura, Filosofia, História, Literatura e Linguística. Dentre os historiadores, nos referimos a Norma Musco Mendes (UFRJ), Marta Mega de Andrade (UFRJ) e Jose Antonio Dabdad Trabulsi (UFMG). Os três chegaram a publicar na *Phoenix* de 1995-2001 e possuem vasta produção acadêmica sobre a qual iremos nos ater mais detalhadamente no próximo capítulo. Estando este livro ligado diretamente com a criação da SBEC, recorreremos a ele para nos guiar e entender os objetivos das pessoas engajadas com a pesquisa de História Antiga e os problemas e dificuldades que eles visualizavam.

Um dos assuntos mais abordados pelos pesquisadores de História Antiga é a importância deste tipo de conhecimento para a formação das pessoas no Brasil. Quanto a isto já se expressara Pedro Paulo Funari, historiador, mestre em Antropologia Social pela USP e doutor em Arqueologia pela mesma Instituição, ao salientar que o estudo de sociedades diferentes nos ajuda a compreender culturas e hábitos desconhecidos. A falta de conhecimento tem como consequência a formulação de preconceitos com o que é estranho, gerando assim intolerâncias. Estudar uma sociedade antiga nos faz perceber e aceitar o diferente. No caso de uma sociedade distante no tempo ela nos ajuda também a compreender o surgimento e perpetuação de problemas e diferenças sociais da contemporaneidade e as quais as pessoas julgam ser naturais, quando na verdade são produto de uma série de fatores históricos. Isto é ressaltado em muitos dos trabalhos do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, em 1984, como também pelos autores da *Phoenix* uma década depois. Primeiramente, porém, vamos analisar como isto era exposto na época do Congresso.

Odette de Souza Campos, doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP)³³, foi uma das autoras a publicar trabalhos no I Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Em seu artigo, ela expõe preocupações referentes à importância do ensino de Latim e as dificuldades dos professores que atuam nesta área. Seu artigo assim se inicia:

Pretendo expor inicialmente sobre a necessidade do conhecimento do latim para a aprendizagem de outras disciplinas como a Filologia Românica, a Linguística e mesmo a Língua Portuguesa, para depois formular uma proposta para o ensino de latim nos de Letras. (PINTO e BRANDÃO, 1984, p. 255).

³³ Já havia nesta época publicado dois livros e também tendo alguns trabalhos publicados em anais de congresso e traduzido dois livros: *Manual de língua latina* e *Significado e estrutura linguística*.

O texto avança com a autora discorrendo acerca da supressão do ensino de Latim no 1º e 2º graus e na redução das aulas de Latim. Soma-se ainda o tempo limitado para se passar o conteúdo da disciplina e o despreparo dos alunos de Letras em relação ao idioma. Ela ainda ressalta a importância deste conteúdo, ligando-o à própria compreensão da língua portuguesa, expondo que este conhecimento não é sem utilidade para hoje.

Sem o conhecimento do latim torna-se muito difícil fazer reflexões sobre vários fenômenos existentes ainda hoje nas línguas românicas, como o fato de o latim ser até nossos dias uma fonte para a criação de palavras novas nas línguas românicas do Ocidente. (PINTO e BRANDÃO, 1984, p. 256).

Outros temas ainda abordados pela autora são a dificuldade de se utilizar material didático para se trabalhar em sala de aula em decorrência das poucas traduções. Ela aconselha os professores que traduzam por conta própria obras do exterior ou que produzam eles mesmos livros próprios adaptados à realidade brasileira. As duas sugestões demandam grande tempo e esforço por parte do pesquisador e, no caso da criação de um livro, ainda existem as dificuldades de se conseguir apoio para tal³⁴.

Apesar destas dificuldades, houve os que se esforçaram para melhorar as condições de ensino e pesquisa em História Antiga. Junito de Souza Brandão traduziu algumas tragédias gregas que poderiam ser utilizadas como fontes por outros pesquisadores³⁵, além do mais, houve os que traduziram livros estrangeiros já no começo dos anos de 90. As obras *Mito e pensamento entre os gregos, estudos de psicologia histórica*, de Jean-Pierre Vernant, e *Escravidão antiga e ideologia moderna*, de Moses Finley, foram traduzidas por Hainaguch Sarian e Norberto Luiz Guarinello, respectivamente.

Em 1985, Junito de Souza Brandão percebia problemas semelhantes aos observados por Odette de Souza Campos. Não se referia à importância do estudo de línguas antigas (dos quais tinha conhecimento, visto que traduziu várias obras do grego), mas ressaltava o conhecimento dos mitos para a compreensão mais clara das culturas antigas. Ele não apenas resalta essa importância, como também lamenta a falta das disciplinas voltadas para esta área:

Quando da gestão do Dr. Roberto Piragibe da Fonseca, em 1960, como diretor da então Faculdade de Filosofia da PUC-RJ, conseguimos, após muita insistência, introduzir no Currículo de Letras a Cadeira de Mitologia Grega e latina (...) Ignoro se existe outra universidade, no Brasil, que mantenha regular e curricularmente o mito como disciplina, ao menos eletiva. Se não existe, é de todo lamentável, porquanto não se pode, a meu ver, estudar com profundidade a cultura greco-latina e

³⁴Odette de Souza Campos já possuía grande experiência em sala de aula e na temática por ela tratada. Ministrava aulas na disciplina Filologia Românica na Universidade Estadual Paulista (UNESP) desde 1965 (e continuou a fazê-lo até 1997).

³⁵Junito de Souza Brandão traduziu obras como *Alceste* de Eurípedes e *As nuvens*, de Aristofanes. Neste último escrevendo também uma introdução para o livro.

seus kósmos, seu “universo” multifacetado, sem um sério embasamento mítico. (BRANDÃO, 2009, vol. I, p. 13).

Estes mesmos pontos, como outros semelhantes, foram debatidos pelos participantes do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos que em sessão plenária ocorrida no dia 25 de maio de 1984, reivindicavam a valorização dos estudos clássicos e a disponibilização de recursos para a constituição e atualização do acervo das bibliotecas universitárias. Exigiam também a volta das disciplinas, Filosofia, História Antiga, Grego e Latim para o segundo grau. Maria Martha Pimentel de Mello também apresentou um de seus trabalhos no Congresso. Assim como Odette de Souza, se preocupava com a desvalorização crescente dos estudos clássicos no Brasil e questionava o porquê disso ao lançar a seguinte indagação:

Agora, quando o estudo das culturas indígenas e negras se torna tão efervescente, por que não revitalizarmos, também, a tradição clássica, um dos fulcros energéticos da cultura do Ocidente? (PINTO e BRANDÃO, 1984, p. 132).

O questionamento, com certeza, é válido e há muito o que se refletir sobre isto. Se pensarmos o que é considerado História Antiga, podemos perceber que o termo “antiga” nada diz sozinho, não se refere a nada especificamente (GUARINELLO, 2013). O que é considerado como história antiga já está inserido em um campo de disputas de interesses. Os trabalhos publicados na SBEC podem nos ajudar a visualizar que tipo de conteúdo era considerado pelos autores como pertencendo à História Antiga, enquanto outros temas não foram abordados.

Retornando aos I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, é possível perceber posições mais otimistas em relação ao estudo da cultura clássica. Em outro dos trabalhos, Johnny Jose Mafra se reporta acerca do ensino de línguas clássicas no Brasil. Sua posição era mais otimista e percebia que, apesar dos problemas, era possível ver maior facilidade na produção acadêmica referente à cultura clássica, em se comparando a décadas anteriores. Ele entendia dois momentos referentes ao ensino e pesquisa nesta área no Brasil. O primeiro, antes de 1970, quando o ensino de grego e latim era obrigatório. Nessa época, o uso de traduções para a compreensão de obras clássicas pelos estudantes era inconcebível, o mesmo valendo para obras bilíngues. Após essa data, com a reformulação no 1º e 2º grau, elas tornaram-se optativas, enquanto que nas universidades o latim permaneceu obrigatório, porém o grego tornou-se optativo³⁶. Em decorrência desta mudança, muito restou facilitado para a formação de pesquisadores da cultura greco-romana, aceitando-se que estes utilizassem

³⁶ Algumas universidades, como a do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais mantiveram tanto o grego como o latim como disciplinas obrigatórias.

traduções das obras originais e assim pudessem realizar suas pesquisas sem precisar ir à fonte em seu idioma original. Apenas para dar um exemplo, Norma Musco Mendes, Neiva Ferreira Pinto e Ciro Flamarion Cardoso são pesquisadores brasileiros reconhecidos na área de História Antiga que não sabem ler em grego ou romano e mesmo assim publicaram muitos trabalhos nesta área obtendo grande destaque como pesquisadores da Antiguidade³⁷.

Quanto á época após 1970, o autor descreve as mudanças positivas advindas dessa nova maneira de lidar com os textos antigos.

O segundo momento da história da cultura clássica caracteriza-se pela mudança dos métodos de estudo, pela perda do preceito antigo contra as traduções, tanto no curso de língua quanto no de literatura. Surgem os textos bilíngues – latim/português, grego/português – que estimulam o estudo da língua e a análise da literatura no texto original. (PINTO e BRANDÃO, 1984, p. 260).

Obviamente, existe a diferença entre as traduções, em relação às funções que estas almejam atingir. Existem as traduções como meio para divulgação cultural, ou seja, que permitem a pessoas que não conheçam a língua em que o texto original é escrito pudessem conhecer a obra. Apesar da importância dessas traduções uma tradução nunca substitui o texto original para a compreensão de modo mais rigoroso e preciso do texto³⁸.

O segundo tipo de tradução é aquele voltado ao exercício pedagógico, ou seja, para o ensino da língua. Ambos os tipos são importantes, embora as traduções como meio para divulgação cultural não sejam as mais apropriadas para se ensinar a língua. Elas ajudam a despertar o interesse dos leitores que podem, após ler as obras traduzidas, futuramente se interessarem por iniciar pesquisas usando estas obras como fontes. Obviamente, para tal, é recomendável a utilização de traduções mais rigorosas.

Com início nos anos de 1970, é possível notar um maior enfoque na área de História Antiga no país. Isso ocorreu em razão de ditadura que via nesse tipo um modo de controle ideológico. O tipo de ensino de História Antiga era, porém, factual e positivista, sem estimular o pensamento crítico e as reflexões sociopolíticas, o que ia de acordo com os interesses da ditadura. Tal situação melhorou com o fim desse período. Assim, os estudiosos da área (como também de outras, como por exemplo, História da América, História

³⁷ Dados obtidos na plataforma Lattes. Ciro Flamarion Cardoso já esteve ligado a muitas universidades do Rio de Janeiro: PUC-Rio, UFF, UFRJ. Também esteve ligado a instituições do México (Universidad de Costa Rica) e da França (Paris 8) ainda nos anos de 1970. Norma Musco Mendes não se filiou a nenhuma instituição estrangeira; esteve ligada apenas à UFRJ, sabendo ler em inglês, espanhol, francês e italiano.

³⁸ LADMIRAL apud JOSE MAFRA. Ladmiraal, ao contrário de Jose Mafra, afirma que a função da tradução é a de dispensar a leitura do texto original, substituindo-o.

Contemporânea) puderam ministrar suas aulas da maneira como consideravam mais adequado.

Analisando o crescimento da SBEC, não apenas em âmbito nacional como também na conjectura internacional, é importante ressaltar a grande colaboração entre pesquisadores argentinos e brasileiros na participação dos encontros da SBEC. Em 1990, Inscreveram-se no evento 21 estudiosos provenientes de universidades argentinas, um número bastante considerável. Ao todo, foram defendidos 111 trabalhos, 30 dos quais foram reunidos e publicados em livro³⁹.

2.4 Os pesquisadores de História Antiga

A História se enriquece a cada nova obra produzida, seja por tratar de assuntos ainda não analisados ou de velhos assuntos com metodologias, teorias ou fontes novas. Atrás de cada obra está porém um autor (ou autores nos casos de obras escritas por mais de uma pessoa). Reuniremos aqui os principais autores atuantes na área de História Antiga e os eventos onde defendiam seus trabalhos, assim como as obras, sejam artigos ou livros, por eles produzidos.

Como já cuidamos da SBEC e sua importância, mostraremos outros dos meios em que os autores divulgaram suas pesquisas. Ciro Flamarion Cardoso é um importante personagem quando se trata de pesquisadores em História Antiga. Já no início dos anos de 1980, ministrou as disciplinas História Antiga I e História Antiga II na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Em 1993, Cardoso publicou na revista *História* um artigo acerca da mulher no Egito faraônico, e, no ano seguinte, foi publicado o seu livro *Sete olhares sobre a antiguidade*, da editora UNB que, no ano seguinte, já contava com a segunda edição. Esta obra é de grande utilidade pois reúne artigos de mais de uma década, muitos deles inéditos na data de sua publicação⁴⁰. O livro aborda tanto a Grécia antiga como o Egito, Mesopotâmia e a Índia Antiga. O livro traz assuntos como política, organização econômica-social e uma análise das acuradas de fontes antigas, ressaltando pontos teórico-metodológicos.

Não se limitando a apenas uma instituição, Ciro Flamarion Cardoso também dirigiu seminários na Universidade Federal Fluminense (UFF), além de realizar várias pesquisas

³⁹ O livro em questão é *Vinho e pensamento*, publicado em 1991 e organizado por Nely Maria Pessanha e Vera Regina Figueiredo Bastian.

⁴⁰ Embora o livro tenha sido publicado em 1994, ele possui artigos escritos até antes mesmo da criação da SBEC. O artigo mais antigo, *Estado, administração e relações internacionais nos primórdios da civilização: o oriente próximo*, foi escrito em 1983.

sobre Egito Antigo⁴¹. Uma de suas pesquisas, realizada em 1992, rendeu a produção de um artigo publicado na revista *Phoinix* no ano 2000.

Flamarion também realizou uma pesquisa com um acervo da biblioteca Wilbur no Museu do Brooklyn, em Nova York, em 1993, além de já em 1986, ter iniciado uma pesquisa utilizando-se de acervos na Europa e em Nova York. Esta ultima havia rendido publicações não apenas no Brasil, mas também na Argentina e na França.

É possível perceber que, apesar de se empenharem em que seu campo de estudo seja valorizado no Brasil, os pesquisadores não se limitam a realizar suas pesquisas apenas com os acervos de seu país e, nem mesmo, a limitar a visibilidade do que é por eles produzido apenas ao público brasileiro. Para alcançar maior amadurecimento profissional, entrar em contato com outros pesquisadores ou com outros acervos, é importante ir além das fronteiras nacionais. Obviamente, as necessidades de pesquisa (fontes e pesquisadores especializados) levam um pesquisador a procurar novas instituições em outros países.

Ciro Flamarion Cardoso foi apenas um exemplo de uma longa lista que poderia ser amplamente estendida, porem a repetição seria exaustiva e pouco contribuiria, mencionaremos apenas mais alguns nomes. Neyde Theml, uma das principais autoras da revista *Phoinix*, que se iniciara em 1995, realizou seu pós-doutorado na Grécia além de ter um bom domínio em espanhol e francês, e um conhecimento razoável de italiano. O já citado Jacyntho Lins Brandão ensinou na UFMG desde 1977 as disciplinas Língua e Literatura Grega, além de ter grande participação na criação da SBEC, como já tratado. Lins Brandão foi também, de 1982 a 1984 chefe do Departamento de Letras Clássicas e, em 1983, coordenador do curso de cultura clássica. Para finalizar essa pequena lista, citaremos Gilvan Ventura da Silva, que publicou inúmeras vezes, tanto na *Phoinix* quanto na *Revista de História*⁴², dois periódicos voltados para o público acadêmico. Dentre os livros publicados estão *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata* (UFMG, 2001), *O enigma em Édipo Rei e outros estudos de teatro antigo* (UFMG, 1985) e *Língua Grega: Leituras e Exercícios* (UFMG, 1982) todos de Jacyntho Lins Brandão. Neyde Theml escreveu *O Público e O Privado Na Grécia do VIII Ao IV Séc. A.C* (Editora Sete Letras,

⁴¹ Duas dessas pesquisas, uma delas realizada de 1991 a 1994 e a segunda de 1994 a 1996, foram realizadas graças ao apoio financeiro de bolsas da CNPq.

⁴² A *Revista de história* é um periódico da USP, fundada por Eurípides Simões em 1950. É um dos mais antigos periódicos de História voltados para o público acadêmico no Brasil. Sergio Buarque de Holanda já havia se expressado de maneira otimista quando da criação deste periódico em uma matéria do jornal *Folha da Manhã*, em 1950.

1998), além de ter publicado o capítulo *História e Iconografia; Ordem e Transgressão do Corpo Nos Vasos Atenienses*, do livro *História e Imagem* (UFRJ, 1998).

Muitos dos autores não se limitavam a escrever apenas em uma revista acadêmica, mas procuravam se expressar em vários meios. Obviamente que, analisando a quantidade de artigos publicados em revistas, podemos perceber como determinados autores se dedicavam mais a um ou a outro periódico, mas isso não significa que essa dedicação era exclusiva. Margaret Machiori Bakos publicou em revistas variadas, como *Phoenix* e *Clássica*, além de ter escrito livros analisando o Egito Antigo⁴³.

É possível encontrar muitas das publicações destes autores em atas e anais de encontros realizados pela ANPUH, sendo tanto eventos nacionais como regionais⁴⁴. Estes congressos e encontros tem um papel muito importante, primeiramente porque, permitem que os pesquisadores exponham e vejam os trabalhos em que os outros pesquisadores se empenham. Em segundo lugar, nos faz perceber que tipos de correntes teóricas fazem mais parte as publicações de uma época.

Outro fator importante a considerar é o fato de que, se esses autores se expressavam acerca dos problemas no ensino e pesquisa de História Antiga, seus debates não estavam desligados de um modo de agir para mudar essa situação. Obviamente realizar publicações em eventos de cunho regional ou nacional era uma prática comum, mas eles também traduziam textos diretamente do grego ou de historiadores estrangeiros, facilitando assim que outros pesquisadores pudessem ter acesso a conhecimentos que não teriam por não dominarem línguas estrangeiras. A preocupação se estendia também para o ensino nos colégios e de como este era insuficiente e permeado de problemas. Quanto a estas preocupações Pedro Paulo Funari aborda muitas delas. Em âmbito universitário, cita a preocupação com o maior número de traduções de obras clássicas, como também a criação, por parte de especialistas, de manuais específicos sobre como se trabalhar com fontes da Antiguidade citamos dois destes manuais *Imperialismo Greco-romano*, de Noberto Luiz Guarinello (São Paulo, Ática, 1987), e *Nascer, viver e morrer na Grécia Antiga*, de Maria Beatriz Borba Florenzano (São Paulo, Atual, 1996). Funari ainda se posiciona quanto ao ensino nos colégios salientando que muitos dos professores a lecionarem acerca do mundo antigo não têm um conhecimento aprofundado no tema e o fazem sem interesse, por pura obrigação. Ensinar História Antiga é “pagar a

⁴³ As obras *O que são os hieroglifos* (1996) e *O povo da Esfinge* (1999).

⁴⁴ Ana Teresa Marques Gongalves publicou trabalhos no X Encontro Regional de História da ANPUH-MG, como também no XX Simpósio Nacional de História, também realizado pela ANPUH. André Leonardo Chevitarrese publicou trabalhos na XIII Semana de Estudos Clássicos e no II Congresso Nacional de Estudos Clássicos, apenas para citar alguns exemplos.

corveia”, como ele mesmo diz. O desinteresse desses professores reflete na qualidade do ensino, desestimulando também os alunos.

Em um trabalho sustentado no XIX Simpósio Nacional de História, no ano de 1997, Pedro Paulo Funari, doutor em Arqueologia pela USP, já demonstrava suas preocupações acerca do ensino e pesquisa de História Antiga. Suas queixas centravam-se no fato da dificuldade em se empreender pesquisas nesta área, haja vista o difícil acesso a fontes e em razão da falta de cursos de línguas já desde a graduação. Suas reclamações se estendem também à falta das disciplinas para exploração de áreas como a Arqueologia ou a Numismática, importantes para os historiadores da Antiguidade. Tal falta desestimula e dificulta que os graduandos se especializassem na área.

Ainda de acordo com esse autor as dificuldades e obstáculos em se empreender pesquisas em História Antiga iniciam um processo longo na perpetuação do estado complicado desse tema de pesquisa, pois faz com que muitos historiadores não se acham estimulados a se tornarem especialistas, a falta destes especialistas dificulta o ensino destas disciplinas, tanto nas graduações como nos colégios.

Ainda predominam os “professores leigos”, em geral especialistas em História do Brasil que devem pagar a corveia, de quando em quando, lecionando o tema que não escolheram como sua área de investigação. (...) desinteresse de docentes que não sentem qualquer atrativo pelo tema. É evidente que, como uma reação em cadeia, os alunos também não se interessam por algo que não fascina o professor e, em seguida, serão os alunos de primeiro e segundo graus a sofrerem as consequências desse abandono. (FUNARI, 1997, p. 85-86).

O próprio Funari, no entanto, não é de todo pessimista e aponta trabalhos que representam uma vitória nesta seara. Ele menciona os manuais produzidos diretamente para serem utilizados por historiadores da Antiguidade⁴⁵. O próprio Funari também se dedicou a este propósito quando, em 2003, publicou uma obra que tem como objetivo ser utilizada tanto por pesquisadores em História Antiga como por graduandos para auxiliar com a análise de fontes⁴⁶.

Além da importância de saber por quais meios estes pesquisadores expunham suas pesquisas, é preciso entender as correntes teóricas e maiores influências deles. Embora estes analisem um tempo no passado, o fazem com visões contemporâneas, visto que estão inseridos no seu tempo. Percebemos pesquisas voltadas às mulheres na Antiguidade ou referindo-se às percepções da morte e do corpo. Estudos sobre o espaço rural e urbano

⁴⁵ Citados destes manuais por Funari o primeiro deles é *Nascer, viver e morrer na Grécia Antiga*, de Maria Beatriz Borba Florenzano, e *Imperialismo Greco-romano* de Norberto Luiz Guarinello.

⁴⁶ O livro em questão chama-se *A Antiguidade Clássica a história a partir dos documentos*.

também são comuns. Além destas produções, podemos citar os trabalhos apresentados em congressos e outros eventos que tiveram como assunto as mulheres no mundo antigo⁴⁷, política⁴⁸.

Se já falamos, porém, dos autores da Antiguidade e dos eventos de que participavam expondo suas pesquisas, falta-nos, por fim, percebermos o local de fala deles, quais centros onde se realizavam pesquisas de História Antiga? A UFRJ é o exemplo mais comum a ser citado, visto que possuía o LHIA, que publicava a revista *Phoenix*, mas havia muitas outras instituições, como a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde também eram realizadas pesquisas nesta área⁴⁹. Notamos com efeito, a variedade de instituições nas quais pesquisas com essa temática eram produzidas, constituindo, assim, um terreno largo de produção acadêmica em expansão, no qual eram travados conflitos variados, em razão do conjunto heterogêneo de pessoas envolvidas neste meio.

No capítulo que se segue discutiremos a criação da revista *Phoenix*, os pontos suscitados pelos autores da Revista como relevantes para o fazer histórico. Analisaremos também a composição do periódico e as principais influências e conceitos utilizados pelos autores para nele publicarem.

⁴⁷ Na I e II Jornadas de Estudos da Antiguidade, Fabio de Souza Lessa apresentou os trabalhos *Táticas de participação feminina na Atenas Clássica* (1998) e *Esposas atenienses e integração poliade* (1999). Também temos Margarida Maria de Carvalho, que apresentou *O perfil feminino na comédia aristofânica: uma análise sobre Lisístrata* (1992).

⁴⁸ Margarida Maria de Carvalho apresentou inúmeros trabalhos com esta temática durante toda a década de 1990: *Ideologia de governo e governante em Amário Marcelino* (1997), *Introdução sobre a obra legislativa do Imperador Juliano* (1995), *Política e cidade na filosofia mística do Imperador Juliano* (1994).

⁴⁹ Na UFMG havia o Departamento de Letras Clássicas. Foi ele a organizar o I Congresso Nacional de História Antiga, em Minas Gerais. Na USP, o Programa de Pós-Graduação de Arqueologia Clássica. Foi nesta área que Norberto Luiz Guarinello realizou suas pesquisas de mestrado e doutorado. Na UFF, há o Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA), fundado em 1998. Na UFRGS, o grupo de pesquisa Projeto Apollonia: Arqueologia e História da cidade antiga, fundado em 1996. Na UFES, o grupo de pesquisa História da Antiguidade Clássica, fundado em 1994.

3 A REVISTA *PHOINIX* E A HISTÓRIA ANTIGA

3.1 A criação da revista *Phoinix*

A Universidade Federal do Rio de Janeiro reunia um conjunto de condições para a criação de uma revista como a *Phoinix* cuja temática estava voltada para a História Antiga. Já em 1984, na realização do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, havia a participação de pesquisadores desta universidade. Muitos dos autores que iriam publicar artigos na primeira edição da *Phoinix* haviam defendido trabalhos nesse evento: Norma Musco Mendes, Pedro Paulo Funari, Norberto Guarinello, por exemplo.

Em 1991, a UFRJ já contava com o Ciclo de Debates em História Antiga, evento anual de cunho interdisciplinar, que tinha como objetivo a exposição e divulgação de trabalhos referentes a História Antiga e que continua a ser realizado ainda nos dias de hoje. Constatamos que, em 1986, já era realizada uma Semana de Estudos Clássicos na UFRJ e sabemos que esta havia sido criada antes desse ano. Além do mais, é também na UFRJ que se encontra a LHIA, criada em 1993 e que, como já dissemos, empreendera a criação da *Phoinix*. Muitos dos autores a publicarem na revista já tinham uma carreira acadêmica vinculada a esta Universidade, defendendo teses e dissertações na UFRJ, cuja temática era justamente História Antiga. Neste mesmo ano, foi realizada na UFF a 8º reunião anual da SBEC, que contou com o apoio da UFRJ como da Amil, instituição que apoiara alguns anos depois a *Phoinix*. É esse o caso de André Leonardo Chevitarese, que se graduou e fez o mestrado na UFRJ⁵⁰. O mesmo procedeu com Fabio de Sousa Lessa, que teve sua graduação, mestrado e doutorado na UFRJ, sendo também um colaborador ativo da *Phoinix*. Não é à toa que a área de História Antiga estivesse tão bem consolidada nessa universidade, pois a primeira pessoa a ocupar o cargo de tesoureira na SBEC, Sílvia Damasceno Andrade de Moraes, havia adquirido o mestrado em Letras Clássicas pela UFRJ em 1980 e, nove anos depois, conquistou o doutorado na mesma área também pela UFRJ.

Compreendemos, então, como eram favoráveis as condições para constituir a *Phoinix*. A UFRJ possuía tanto um corpo de pesquisadores como grupos e linhas de pesquisa dedicados à História Antiga. Estes pesquisadores frequentavam o mesmo espaço acadêmico e, pelo fato de terem todos interesse em estudar a Antiguidade, se conheciam e se ajudavam, os mais experientes auxiliando seus colegas na produção de monografias, dissertações, criando assim

⁵⁰ Sua tese *Arqueologia, Antropologia e História ritual na Ática no período Clássico*, tendo como orientador Ciro Flamarion Cardoso.

um vínculo de coletividade e relações afetivas. Esse conjunto de condições favoráveis à criação de uma revista voltada para a área de História Antiga não era uma exclusividade da UFRJ, a UFMG, pois também reunia importante produção nesta área. Não é a toa que o I Congresso Nacional de Estudos Clássicos fora promovido pelo Departamento de Letras Clássicas desta Universidade e a primeira diretoria da SBEC contava com três membros de tal academia⁵¹. O primeiro presidente da SBEC era Hainaguch Sarian, da USP. Em 1995, toda a diretoria da SBEC era composta por membros da USP. Ainda em São Paulo, a revista *Hypnos* foi criada apenas um ano depois da *Phoinix* pela PUC-SP. A UFF possui o grupo Núcleo de Estudos e Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA) como também o Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA), criado em 1996, e que, juntamente com o LHIA e o Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), criou o jornal informativo *Philia*. Não nos podemos esquecer das instituições estrangeiras, às quais muitos pesquisadores se vinculavam para a realização de suas pesquisas de mestrado ou doutorado. Embora não seja o objetivo deste trabalho analisar a produção em História Antiga fora do Brasil, é importante ressaltar o fato de que uma formação complementar em países da Europa como Grécia e França era uma escolha frequente dentre os historiadores da Antiguidade. Foram os casos de Gilvan Ventura da Silva e Margarida Maria de Carvalho que realizaram doutorado-sanduiche na USP e na École Française de Rome e Neyde Theml, que efetuou seu pós-doutorado na École Française d'Athenes.

Não demorou para que uma revista acadêmica fosse criada. No ano de 1995, foi lançado o volume inaugural da revista *Phoinix*, por iniciativa dos historiadores do Laboratório de História Antiga (LHIA). Vale ressaltar que os historiadores que pesquisavam História Antiga contituiram um grupo muito mais amplo do que o grupo a publicar na *Phoinix*. Além do mais, os historiadores a publicarem nesta revista não se limitavam a este periódico para divulgar suas pesquisas. Assim, dizemos que Haiganuch Sarian (USP), por exemplo, publicou na revista apenas em 1999, realizou alguns trabalhos em parceria com outros historiadores da *Phoinix*, como orientador das teses de doutorado de Andre Leonardo Chevitarese e de Fabio Vegara Cerqueira. Sarian além de ter lecionado, ocupado cargos de cunho administrativo e realizado pesquisas na USP dedicou grande parte de seu tempo realizando pesquisas no Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo (MAE), onde já chegou, inclusive, a publicar na revista do Museu. Participou do corpo editorial de outro periódico de História Antiga, a *Clássica*, a que já nos referimos. Nessa revista, publicou artigos com grande frequência,

⁵¹ Donald Schuler, Jacyntho Lins Brandão e Neiva Ferreira Pinto ocupavam, respectivamente, os cargos de vice-presidente, secretário geral e secretaria adjunta.

publicando, também, em periódicos estrangeiros⁵². Sarian também apresentara trabalhos em muitos seminários, em simpósios, o que nos dá maior visibilidade de eventos relacionados à História Antiga: II Simpósio sobre o Mito (realizado em São Paulo, 1990), Segundo Colóquio Internacional/ Los Griegos: Otros y Nosotros (Argentina, 2000).

Maria Luiza Corassin, historiadora pela USP, adquirindo o mestrado e doutorado na mesma instituição, também optou, assim como Sarian, por se voltar mais para a produção no MAE. Corassin foi membro editorial da revista do Museu por quase 25 anos (1992 a 2016). Corassin escolheu publicar seus trabalhos em periódicos principalmente de São Paulo, onde podemos ver outro núcleo de grande produção, tanto em História em geral, como em História Antiga, em particular. Suas publicações foram em revistas como *Revista de História* (USP), *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* (USP), *Revista Brasileira de História*, *Hypnos* (PUC-SP) entre outras. Ainda há muitos nomes, como Rachel Gazolla de Andrade, filósofa, possuindo mestrado e doutorado pela USP sendo também membro fundadora da SBEC e membra do corpo editorial da *Hyonos*, desde 1998.

Apesar de todas as condições favoráveis para a criação da revista *Phoinix*, os seus criadores não estavam muito seguros quanto ao futuro do periódico, não tinham certeza se ele iria continuar a ser produzido nos anos seguintes ou se terminaria em como a primeira e única edição. O grupo não havia conseguido apoio financeiro para bancar a tiragem inicial por tal razão o primeiro número da *Phoinix* fora financiado pelos próprios autores, a maioria membros do LHIA. No edital que apresenta a revista, escrito por Neyde Thelm, são explicitados os problemas por eles enfrentados:

O LHIA organizou e financiou com os próprios recursos de seus pesquisadores esta pequena coletânea de artigos para publicação da *Phoinix*, a fim de colaborar efetivamente com a política da Direção do IFCS e do Departamento de História em divulgar a produção acadêmica dos seus professores e pesquisadores. A *Phoinix* portanto demonstra o nosso entusiasmo em apresentar a produção de uma área do conhecimento, mesmo não sendo esta privilegiada. (*Phoinix*, 1995, vol. 1, p.8).

Por esse fragmento, analisamos o discurso utilizado pelos autores da revista. Eles organizaram “*esta pequena coletânea de artigos*” para apresentar suas pesquisas em “*uma área de conhecimento, mesmo não sendo esta privilegiada*”. É com um tom de humildade que se expressam como se o fato de não terem recebido auxílio fosse uma consequência dessa desvalorização que a área de História Antiga sofre. Essa argumentação esta em outras partes do mesmo edital:

⁵² Publicara em 2000 e 2001 no *Journal Of Hellenic Studies* de Londres. Na *Clássica* vemos em 1995, 1997, 1998 e 2001.

É difícil, no Brasil, ser um especialista em História da Antiguidade. Encontramos uma série de obstáculos desde o custo do material para pesquisa e publicação de seus resultados, que naturalmente sai de nossos recursos, até a convivência com a descrença e com as hierarquias que estabelecem as prioridades de apoio à pesquisa, relegando-nos a uma posição desconfortável de marginalidade ou mesmo exotismo. (Phoïnix, 1995, vol. 1, p.7).

Existem, evidentemente, que existem sempre áreas mais favorecidas do que outras e isso depende de inúmeros fatores. Já salientamos como, na ditadura, a área de História Antiga foi mais privilegiada, embora a forma como deveria ser ensinada fosse contra a opinião de muitos especialistas na área por ser por demais factual e não incentivar reflexões críticas. Também nos referimos aos anos de 1970 época, em que, em razão dos movimentos feministas, houve uma grande produção de textos focados em analisar a condição feminina. Embora Norma Musco Mendes estivesse tentando com esse discurso afirmar que a História Antiga estava marginalizada não podemos acreditar totalmente em seu discurso. Disputas existiam acerca da posição dos historiadores da Antiguidade em relação a outras áreas dentro da história. O sentido do discurso da historiadora a escrever o edital era o de definir uma posição da História Antiga nesta disputa.

Dez anos antes da criação da *Phoïnix*, havia sido criada a SBEC, e esta tinha instituído inúmeras subsecretarias, com o intuito exatamente de melhorar a divulgação e produção dos trabalhos de História Antiga. Na época havia nove subsecretarias em todo o Brasil, sendo duas especificamente no Rio de Janeiro⁵³. Em 1995, ano de criação da *Phoïnix*, fora realizada na UFRJ a 9º reunião anual da SBEC, como também o III Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Foi também neste mesmo ano instalado o informativo SBEC (nos mesmos moldes do antigo BEC) e a página da SBEC na internet.

De qualquer modo, com ou sem financiamento, a *Phoïnix* foi criada em 1995. Na composição revista, havia sumário, editorial e um total de 18 artigos, dentre os quais maioria de integrantes do LHIA⁵⁴. Quanto aos autores dos artigos, variavam entre mestrandos, doutorandos, doutores e, no caso particular de Adriana Soares Magdaleno, uma graduanda, pois á época em que seu artigo fora escrito ainda era graduanda e só depois de publicado, ela havia se graduado e estava realizando o mestrado pela UFRJ. Quanto à área de atuação destes autores, a maioria era de formados em História,

⁵³ A secretaria SE3 estava vinculada a todo o Estado do Rio de Janeiro, com exceção da Capital. Já a secretaria SE4 estava ligada unicamente a Capital.

⁵⁴ Onze desses artigos eram de integrantes do LHIA; alguns desses estavam também vinculados à UFRJ.

Os artigos da revista não continham uma padronização pois, alguns possuíam apenas notas de rodapé porém sem um espaço separado para expor as referências bibliográficas utilizadas pelo autor. O motivo dessa escolha foi explicitado no primeiro número da revista:

Os artigos desta publicação não sofreram cortes nem censura e nem foram submetidos a nenhuma uniformização. Consideramos o texto exatamente como nos foi entregue pelos pesquisadores. Esta opção partiu do pressuposto de que o trabalho dos pesquisadores deve sofrer a crítica do público em geral e da academia e não de um pequeno grupo. (Phoínix, 1995, vol. 1, p.7).

Tal tipo de ação não era de praxe na época. A *Revista de História*, publicada pela USP, já adotava um modelo em seus artigos, mas essa é uma revista mais consolidada, uma das mais antigas revistas de História do País. A revista *Cadernos de História*, publicada pela Universidade Católica de Minas Gerais, tendo seu primeiro número também no ano de 1995, havia tomado uma posição diferente da *Phoínix* em relação aos artigos publicados. No primeiro número, seguiram um modelo para publicação de artigos, o qual só foi abandonado em dois artigos por motivos expressos:

Dois desses artigos nos foram enviados da França e Portugal, onde os seus autores estão radicados, em função de compromissos acadêmico-profissionais. Optamos por manter tais textos nos limites de sua forma original, reproduzindo-os na íntegra, embora com algum prejuízo do padrão normativo estabelecido para os demais. Assim, o artigo “A Pintura de Tectos de Perspectiva Arquitetônica no Portugal Joanino”, por exemplo, guarda a especificidade do idioma português corrente em Portugal, respeitando as diferenças de ordem linguística relativas ao mesmo idioma, no Brasil. Por outro lado, o ensaio “Crise Ideológica e Produção Intelectual: Esquemas de Pensamento Próprio a uma Situação Histórica” traz referências bibliográficas de ordem geral, sem se fazer acompanhar pelas notas de referência, como é a praxe. (Cadernos de História, Nº 1).

Esta posição por parte da *Phoínix* mudou nos anos seguintes. Visualizamos na edição do ano 2000 um espaço intitulado *Perfil da revista e normas para publicação* em que se criou uma padronização para que os autores a enviar artigos se baseassem. A plataforma Qualis Capes, que tem como função avaliar os periódicos produzidos, não existia em 1995, mas, a avaliação realizada de 2010 a 2012 classificou a *Phoínix* como um periódico B2, ou seja, contempla periódicos de referência nacional indexado pela DOAJ (Directory of Open Access Journals), considerando também periódico que contenha artigos cujos autores doutores sejam vinculados a pelo menos três instituições distintas daquela que edita o periódico.

A revista, já em seu segundo volume, contara com o apoio cultural da Amil e com um grupo de assessoria composto por Neyde Thelm e Regina Maria da Cunha Bustamante, como editoras responsáveis, e um conselho editorial, formado por oito membros entre eles, com o cargo de presidente, Ciro Flamarion Cardoso. Por fim, uma assessoria executiva do

Laboratório de História Antiga. Todos estes profissionais escreviam para a revista, como também ajudavam na sua organização.

Em 1998, a revista, que contava anteriormente apenas com o apoio da Amil, também o recebeu do Laboratório Gross e do Banco Cruzeiro do Sul. Foi, porém, principalmente a partir de 1999, que a revista começou a incorporar algumas mudanças significativas em sua estrutura. Nesse ano, um espaço para resenhas fora criado. Duas resenhas, escritas por Carlos Augusto Ribeiro Machado, analisava o livro *La maschera di Socrate - L'immagine dell'intellettuale nell'arte antica*, escrito pelo arqueólogo Paul Zanker, que propunha analisar não as obras escritas dos intelectuais da Antiguidade, mas sim os próprios intelectuais. A segunda resenha, escrita por Marta Méga de Andrade, dissertava sobre a obra *Women in Classical Greece* uma coletânea de artigos organizada por Ellen D. Reeder que trata de analisar a imagem da mulher na Antiguidade, tanto as construções que os antigos faziam do feminino, a que é dedicada a primeira parte da obra, como um catálogo temático da iconografia do feminino. Por fim, foi também em 1999 que a *Phoenix* começou a divulgar o e-mail dos autores que ali publicaram, como também a terem um artigo em língua estrangeira. Tratava-se do *História e Arqueologia: Os antecedentes do reino Greco-Bactriano na Ásia Central* de Jean Claude Gordin⁵⁵. No ano seguinte foram incluídas as seções “Perfil da revista e normas para publicação” e “Publicações do Laboratório de História Antiga (LHIA)” em que se maior preocupação em criar um perfil da revista e indicar aos autores que nela quisessem enviar seus artigos o modelo de escritos por ela aceitos. A seção sobre as publicações do LHIA mostra claramente uma preocupação em divulgar e promover os trabalhos dos pesquisadores vinculados à organização que faz as publicações da *Phoenix*. Em 2001, foi criado o Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) e muitos dos historiadores a publicarem na *Phoenix* se vinculam a ele⁵⁶.

O ano de 2001 não trouxe nenhuma inovação na composição da revista. Notamos, entretanto alguma mudança nos integrantes a ocuparem cargos de destaque na magazine. Marta Méga de Andrade, que era no ano anterior coordenadora do LHIA, passou a ocupar a chefia do Departamento de História. No cargo de assessoria executiva, Alexandre Carneiro Cerqueira Lima fora substituído por Maria Elisa da Cunha Bustamante. Houve também mudança no apoio à revista. O Banco Cruzeiro do Sul e a Gross retiraram seu apoio. Tais mudanças podem ter ocorrido em consequência da criação do Programa de Pós-Graduação em

⁵⁵ O artigo fora publicado tanto em francês como em português.

⁵⁶ Dentre eles podemos citar André Leonardo Chevitarrese, Fabio de Souza Lessa, Marta Mega de Andrade, Neyde Theml, Norma Musco Mendes e Regina Maria da Cunha Bustamante.

História Comparada e de muitos historiadores terem se filiado a este grupo, como também a mudança nos cargos pode ser também uma mudança neste sentido, mas infelizmente, não podemos tirar conclusões precisas quanto a isso.

3.2 Os interesses da *Phoinix* e o perfil da revista.

Uma revista é produzida com base no esforço de varias pessoas, mas há o comprometimento deles com a revista, no caso a *Phoinix*. Grosso modo, podemos falar que existem dois grupos de autores a publicar na *Phoinix*. O primeiro grupo é composto por autores que publicam apenas esporadicamente não estão vinculados a ela em questões administrativas ou de organização, apenas submetem seus artigos a mesma e os tem aprovados. Incluímos nesta categoria autores como Ana Fund Patrón de Smith, Anna Paola Pacheco Baptista, Denise Milon Del Peloso, Emanuel Bouzon e Fabio Faversoni, apenas citando alguns nomes. Estes publicaram uma só vez na revista e não tinham nenhuma ligação próxima com o periodico. Embora não sejam um grupo no sentido de possuírem interesses em comum ou se identifiquem como membros de um grupo, assim os classificamos principalmente em oposição ao segundo grupo acerca do qual falaremos a seguir.

O segundo grupo era formado pelos articulistas da revista com uma ligação mais forte com ela. Destacamos três características que os identificam. Primeiramente, eles publicam trabalhos com maior frequência na *Phoinix*; estão sempre vinculados a ela.

O segundo ponto é que estes autores se conhecem e estão inseridos em uma rede de socialização. Muitos deles trabalham ou já trabalharam no LHIA ou na UFRJ. Um numero não desprezível desses autores se auxiliavam, uns orientando os trabalhos de monografia, mestrado e doutorado dos outros. Dos autores citados pertencentes ao primeiro grupo, Fabio Faversoni publicou apenas no ano de 1998 na *Phoinix* e sua carreira acadêmica, da graduação ao doutorado, esteve vinculada à USP. Embora tivesse sido orientado, tanto no mestrado quanto no doutorado, por Norberto Luiz Guarinello, integrante ativo da *Phoinix*, não tinha relações com a revista. Anna Paola Pacheco Baptista vinculou-se à UFRJ apenas durante seu período como doutoranda, de 1998 a 2002. Foi exatamente neste período que publicou na *Phoinix*. Anna Paola não é especializada em História Antiga. Sua área de atuação esta muito mais voltada para História da Arte e História do Brasil.

Situação bem diferente pode ser dita de autores como Alexandre Carneiro Cerqueira Lima e Fabio de Souza Lessa que publicaram com larga frequência na *Phoinix*⁵⁷ tendo ambos realizado todo seu percurso acadêmico desde a graduação até o doutorado pela UFRJ e sendo orientados, tanto no mestrado como no doutorado, por Neyde Thelm, autora a qual já nos referimos, e que escreveu a maioria dos editoriais da revista. Caso semelhante é de Gilvan Ventura da Silva também publicando com grande frequência na revista. Graduou-se, orientado por Norma Musco Mendes, na UFRJ, onde realizou também sua dissertação de mestrado. Sua tese de doutorado foi desenvolvida na USP com a orientação de Norberto Luiz Guarinello.

A terceira característica a definir os integrantes deste grupo é os cargos que ocuparam na direção da revista ou em relação ao LHIA. Mencionaremos, em 1996, Norma Musco Mendes como coordenadora do LHIA, Neyde Thelm e Regina Maria da Cunha Bustamante como editoras responsáveis pela revista. Além destes muitos foram os que ocuparam cargos no conselho editorial: Ciro Flamarion Cardoso (presidente), Ana Teresa Marques Gonçalves, André Leonardo Chevitarese, Gilvan Ventura da Silva. Ou também integrantes da assessoria executiva do LHIA como Fabio de Souza Lessa, Adriana Soares Magdaleno e Alexandre Carneiro Cerqueira Lima. Todos os autores citados no segundo grupo compõem um corpus que estava mais na criação da revista e, dizemos, representaram com maior proximidade o que é a *Phoinix*.

Já tendo uma noção de quem eram os autores que representavam a revista, falta-nos agora compreender quais pontos eram consideradas pelo magazine como mais importantes. Estes se relacionavam com a situação do historiador de História Antiga como também em relação a outros aspectos como a o reconhecimento de uma identidade. Vamos, então, enumerar o que foi tratado pela *Phoinix*. Primeiro, e talvez a mais atuante durante toda a revista, a valorização e preocupação com a área da História Antiga seja no cuidado com as fontes para pesquisa como também em relação aos obstáculos para se empreender uma pesquisa nesta área. Em Segundo lugar, a interdisciplinaridade e aceitação de variadas correntes teóricas. Embora a revista seja escrita, principalmente, por historiadores isso não significa que eles não estejam abertos e sejam favoráveis à interação com outras ciências. Conceitos e orientações teóricas distintas também são bem-vindas. A revista preza pela diversidade. Terceiro, é a relação da pessoa com o tempo e com uma identidade, em uma época quando a globalização se torna mais atuante os autores da *Phoinix* demonstram suas

⁵⁷ Durante todo o período analisado da revista, apenas em 1995 Alexandre Carneiro Cerqueira Lima não publicou. Já Fabio de Souza Lessa publicou em todos os anos.

preocupações com a relação a esse novo tempo, suas vantagens e desvantagens. Em quarta posição, encontram-se interessados com a valorização da História Antiga em geral, é importante atentarmos para o fato de que estão também interessadas na valorização de seus próprios trabalhos e na sua divulgação. Esses artigos vão além da *Phoenix* e podem ser vistos em outros meios. Cuidaremos, agora, de cada um destes pontos em particular.

Nos discursos da *Phoenix* é muito fácil vermos como é expressa a preocupação com a área de História Antiga. Já nos referimos ao primeiro número do periódico em que era exposta a posição marginal dos historiadores desta área, discurso este que não era inteiramente verdade, haja vista os inúmeros eventos, livros e periódicos publicados nesta área; era um discurso narrado com objetivos bem definidos. Pensando na História Antiga de modo mais amplo, vemos que, em eventos de escala nacional, mesmo não voltados para a História Antiga, como é o caso da ANPUH, trabalhos de História Antiga também estão lá. No VIII Simpósio Nacional de História, realizado no Recife, de 23 a 28 de julho de 1995, contou com um trabalho de Margarida Maria de Carvalho, “Visões sobre Roma Imperial” apresentado no dia 27. Ainda no mesmo evento, Lucili Grangero Cortez (UFC) defendeu um trabalho acerca da historicidade do termo “exílio”, analisando o significado deste vocabular na Antiguidade com base nas obras de filósofos e poetas como Aristóteles, Hesíodo, Platão e Homero. Embora o trabalho avance até concepções da Idade Moderna sobre a expressão é realizado um estudo dele na Antiguidade clássica. Já no XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH, realizado em 1997, Pedro Paulo Funari, da Universidade de Campinas sustentou o trabalho “As pesquisas sobre a Antiguidade Clássica no Brasil: cidadania e erudição”, onde debate acerca das condições de pesquisa desta área. Os trabalhos referentes a História Antiga não, possuem apenas visibilidade em eventos específicos para pesquisadores desta área, mas também aqueles voltados para os historiadores em geral.

Expressam uma ideologia, ou seja um discurso que se apropria das representações em torno de algo, no caso da História Antiga, e criam um discurso com vistas a favorecer os interesses de um grupo específico (no caso, falamos que esse discurso representa de modo geral os interesses dos pesquisadores de História Antiga e, de jeito particular, os preceitos do grupo de autores a publicar a revista), este discurso, porém, não é autossuficiente em si mesmo, ele não cumpre sua função apenas em ser criado e difundido pois é preciso haver aceitação, uma legitimação por parte dos outros, para que ele cumpra o papel para o qual foi destinado (BOURDIEU, 1989).

Estreitamente ligados com a situação do historiador da Antiguidade, estão os meios para se realizar pesquisas. O acesso às fontes é, então, essencial, como já havia dito Seignobos “*Sem documentos, sem história*”⁵⁸. Para a *Phoinix*, a distância temporal e espacial em se estudar sociedades, como a grega e a romana, não era um problema, embora ainda exista nos dias de hoje quem sustente esta ideia:

[...] nenhum professor em nenhuma universidade do mundo diria que não se pode pesquisar, por exemplo, História da Antiguidade de qualquer país, por não morar nele. Afinal, o avião, o fax, a internet deram uma velocidade tão grande no tempo das comunicações que ninguém ousaria pensar que se necessitaria do remo, do tambor e da fumaça para receber ou transmitir mensagens. (Phoínix, 2000, vol. 6, p.9-10).

Com o avanço da informática e da internet, o acesso à informação e às fontes em muito facilitavam o trabalho dos pesquisadores. Não à toa foi exatamente neste ano que começou a ser divulgado na *Phoinix* o *e-mail* dos autores que nela publicaram. Resta, assim, aos pesquisadores utilizarem-se do *e-mail* ou internet para acessar as fontes ou deslocarem-se até um museu nacional que contenha um acervo que possa ser utilizado. Em relação aos reparos dos museus, a *Phoinix* mostrara sua preocupação, pois, em razão de uma forte chuva em agosto de 1995, ficou evidente o péssimo estado de conservação do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Os historiadores da *Phoinix* salientaram este problema e se prontificaram a fazer todo o possível para resolvê-lo “*O LHIA da UFRJ deveria unir-se ao Museu Nacional para apoiar todas as medidas que forem necessárias para reverter uma perda virtual e eminente de tal acervo*”. Não apenas a conservação do acervo é importante, como também que ele seja catalogado para que possa ser utilizada como fonte:

Para nós, é fundamental que o acervo seja todo catalogado de acordo com as regras internacionais, pois sem o trabalho de codificação do acervo, as peças não são ainda documentos para o historiador da antiguidade, logo não temos condições de preparar qualquer projeto de pesquisa. (Phoínix, Nº 2, p.13).

Seguiremos, então, para o segundo ponto, o elogio à diversidade e à interdisciplinaridade. Este é importante visto, que em muitos momentos, a revista declara a importância de se aceitar o diferente. O “diferente” é ora a diversidade de identidades e de culturas em decorrência da globalização que reduz fronteiras espaciais e aproxima os saberes, como também pode se referir as distintas teorias e áreas do conhecimento. Os diferentes são também eles mesmos “*Nós, os diferentes: "aqueles que trabalham com História Antiga"*.” é esse o título do edital da edição de 1999 da *Phoinix*. No texto que se segue após este título, a

⁵⁸ Em oposição a Seignobos Bloch havia dito, parafraseando-o “*sem problemática, sem história*”, fala esta relacionada à luta tanto de Bloch quanto de Febvre em um novo tipo de história, a história-problema.

diversidade é tratada, tanto a de ordem cultural, como também as diversidades de saberes e teorias. Para a *Phoinix* não existe uma teoria certa ou errada:

No espaço da produção de projetos, vale liberar a criatividade, a espontaneidade, o desejo/prazer e a sedução. No espaço de produzir projetos alternativos, vale o trabalho de equipe que precisa da diferença e do empenho de cada um para que se obtenha resultados - certos ou errados. No espaço da produção de projetos, ninguém dita a Teoria certa ou separa Teoria de Metodologia. No espaço da produção de projetos, cada um pesquisa para encontrar alguma coisa nova e não repetir o que existe como se fosse um catecismo. (*Phoinix*, Nº 5, p.13).

A relação com os historiadores dos *Annales* é clara. Como Bloch e Febvre, eles prezam pela diversidade. Malgrado a maioria dos articulistas da revista sejam historiadores, eles reconhecem a importância de se dialogar com outras disciplinas. Pedro Paulo Funari se aproxima muito da Arqueologia e da Antropologia, realizando sua tese de doutorado e sua dissertação de mestrado nestas duas áreas respectivamente. Seu orientador (tanto no mestrado quanto no doutorado) foi Hainaguch Sarian, importante historiador da Antiguidade, formada em letras e tendo também doutorado em Arqueologia. Apesar de que alguns autores da revista em particular possam ser contra uma determinada corrente teórica, como Ciro Flamarion Cardoso que criticava a história das mentalidades, a revista, como um coletivo, apoia a diversidade.

Os autores da *Phoinix* também se aproximam dos *Antasnales* ao aceitarem a multiplicidade do tempo e de como este pode ser vivenciado de maneiras diferentes por distintas formas em variadas sociedades. Le Goff já havia se posicionado neste sentido, quando escreveu um artigo acerca das maneiras de se perceber do tempo entre os membros da Igreja e os comerciantes na Idade Média. Em um tempo globalizado como o das últimas décadas do século XX, tanto a percepção do tempo em muito se alterou como também as fronteiras entre as identidades são cada vez mais difíceis de se perceber. Por isso, é salientada a importância, tantas vezes concedida pelos autores articulistas da revista, de que se deve aprender a relacionar com esta nova percepção do tempo.

O último ponto a analisarmos é perceber as maneiras e ações tomadas pela *Phoinix* para melhor divulgar os trabalhos da LHIA, como também dos principais autores a publicarem na revista. Já citamos como fora criada no ano de 2000 a seção da revista *Publicações do Laboratório de História Antiga (LHIA)*, mas no edital do mesmo número da revista já havia espaço para tratar deste tema, nele haviam comunicados que se referiam a premiação de autores a escreverem na revista, como era o caso de uma premiação que recebeu na França Ciro Flamarion Cardoso, de um livro que reproduzia sua tese de doutorado. Apesar do trabalho a ser premiado não ter nenhuma relação com História Antiga, seu tema era sobre a

Guiana Francesa⁵⁹. A *Phoinix* achou importante divulgar tal fato visto que se referia a um dos principais autores a publicar na revista.

Nesta mesma seção, também havia informações acerca das ações recentes tomadas pelo LHIA: a criação de uma revista como a *Gaia*, voltada para os graduandos que tem como objetivo realizar pesquisas de História Antiga e se encontrava em seu segundo numero, como também a segunda revista, esta disponível na internet, a *Hélade* que tinha como objetivo difundir os trabalhos tanto de brasileiros quanto de estrangeiros, realizando um debate entre várias disciplinas, como Arqueologia, Antropologia, Filosofia, Filologia e, é claro, História, a revista contava com artigos em diversas línguas - inglês, francês, português e italiano. Além disso o LHIA também publicava, em parceria com o Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA) da UFRJ e o Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA), também da UFRJ, o jornal *Philia*, voltado para os alunos da graduação dessas duas universidades do Rio de Janeiro.

A *Philia* era um periódico mensal dirigido a um publico diferente do da *Phoinix*, embora fosse organizada por muitos pesquisadores que também estavam vinculados à *Phoinix*, visto que eram os graduandos participantes do LHIA uma parte dos envolvidos na elaboração do jornal. *Philia* era direcionada para os graduandos. Sua composição também era diferente de uma revista acadêmica, sendo um pequeno jornal que continha poucas paginas, não mais do que dez. O nome do periódico já fazia uma referência à união que os criadores consideravam importantes para os historiadores da Antiguidade, pois *Philia* era um termo que designava a amizade:

Embora tal coisa seja rara no país. Onde cada terreno específico de estudos e pesquisa costuma estar atravessado por rivalidades e disputas de poder por vezes violenta. Tal não acontece em nosso caso. As relações entre os três centros é cordial e de mútua colaboração (*Philia* Nº 3).

O nome da *Philia* era ainda uma homenagem a professora Neyde Thelm, visto que ela havia realizado um trabalho tratando do termo *Philia e relações de grupos informais em Atenas V-IV sec a.C.* O periódico trazia inúmeras informações, desde curiosidades, resenhas de livros acerca de História Antiga e homenagens a graduandos que apresentaram trabalhos sobre História Antiga.

Outra modalidade que a *Phoinix* se utilizava para dar maior visibilidade aos trabalhos de seus autores era a de homologar resenhas dos livros escritos pelos seus articulistas. Assim, foi

⁵⁹ A tese de Flamarion havia sido defendido havia quase trinta anos, em 1971. Na época o Historiador ainda não estudava a Antiguidade, à qual começou a se dedicar alguns anos depois.

no ano de 2001, quando as três resenhas contidas na revista eram de livros de autores que publicavam nela com frequência, resenhas estas escritas por autores que também eram ativos na revista, muitos deles possuindo cargos. Assim, temos a resenha do livro *Mulheres de Atenas. Melissa, do gineceu à ágora*, de Fabio de Sousa Lessa, escrito por Ciro Flamarion Cardoso. A temática do livro havia sido a mesma do seu mestrado e doutorado, ambos orientados por Neyde Thelm. Outra resenha é a do livro *O espaço rural na pólis grega. O caso ateniense do Período Clássico*, de André Leonardo Chevitarese, resenha escrita por Pedro Paulo Funari.

A *Phoinix* estava se inserindo mais nos meios digitais, na criação de revistas eletrônicas e da *Philia*, que exibia desde seu primeiro número seu contato por *e-mail*, como também o endereço de *sites* que poderiam ajudar seus leitores a buscar informações referentes à História Antiga. Reportaremos agora a produção da *Phoinix* em comparação com outros dois periódicos, ambos já citados, o jornal *Philia* e a revista *Cadernos de História*.

3.3 A identidade da *Phoinix* e suas características

Para melhor compreender o perfil da revista *Phoinix*, compará-la-emos com outro periódico, o *Cadernos de História*, periódico publicado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais tendo seu primeiro número lançado no ano de 1995. O motivo para a escolha desta revista decorrem ao fato de ter começado a ser produzida no mesmo ano da *Phoinix* e por ambas as revistas terem como foco os pesquisadores e graduandos de História. Nossa comparação terá como objetivo perceber com maior clareza as características de composição da *Phoinix*.

O *Cadernos de História* contou em seu primeiro número com apenas seis artigos, sendo um deles escrito em francês e outro em português de Portugal. Assim como a *Phoinix*, o *Cadernos de História* tinha como objetivo uma variedade interdisciplinar em suas publicações e se mostrou mais bem estruturado do que a revista da UFRJ, principalmente nos seus primeiros números, pois a *Phoinix* teve o primeiro artigo em estrangeiro apenas no ano de 1999 e, apesar disso, em razão de problemas com a gráfica, houve alguns erros de ortografia, fato do qual a revista fez questão de se desculpar na edição seguinte. O *Cadernos de História* já se mostrava confiante na continuidade da revista. Mesmo em seu primeiro número, os artigos selecionados seguiam um padrão relativamente às referências bibliográficas, enquanto a *Phoinix* demorou alguns anos para normatizar seus artigos assim.

Ambas as revistas possuíam uma tiragem de mil exemplares e, embora tivessem propostas temáticas diferentes, pois a *Phoinix* era limitada à área de História Antiga ao passo que *Cadernos de História* era aberto a um conjunto maior de possibilidades reportando-se a temporalidades próximas ou distantes. Independentemente dessa diferença, no entanto, os historiadores articulistas de ambas as revistas estavam inseridos nas discussões de seu tempo acerca de metodologias e teorias vigentes nos anos de 1990. Procuraremos notar, agora como a *Phoinix* dialogava com estas teorias e de que tipo de leituras os seus autores se apropriavam para realizar suas pesquisas.

Dentre os principais aspectos para os quais os autores da revista escolheram dirigir seus esforços e realizar suas pesquisas estão a análise da figura da mulher e as relações de poder dentre elas (análises de gênero). Já no primeiro número da revista temos dois artigos a este respeito *Reflexões sobre a História da Mulher em Roma e Dike, Cidadania e Mulher na Polis* de autoria de Marilda Correa Ciribelle e Fabio de Sousa Lessa, respectivamente. No ano seguinte publicações com essa temática se repetiram em *A mulher em Homero* de Maria Martha Pimentel de Mello, e *O matrimônio na historiografia grega*, novamente de Fabio de Sousa Lessa.

Fabio de Sousa Lessa procurou, em seu artigo sobre o matrimônio grego, compreender a importância do casamento para esta sociedade, o papel social incumbido à mulher e a maneira como esta pode exercer seu papel de cidadã apenas quando casada. Além do mais, distingue as funções da esposa no âmbito de seu exercício reprodutor, visto que ela, como cidadã é uma transmissora natural da cidadania. O prazer no casamento não é considerado importante, visto que poderia ser buscado (apenas pelo homem) em relacionamentos com terceiras.

É uma análise referente a muitas áreas já ressaltadas, relações de gênero, sexualidade e até política porquanto a figura da mulher estava diretamente ligada à geração de novos cidadãos. Fabio de Sousa Lessa escreveu muitos artigos referentes à mulher na Antiguidade. Precisamente publicou de 1995 a 2001 na *Phoinix* e todos os seus artigos tratavam desta temática. Embora ele não seja o único a analisar as mulheres na Antiguidade em textos editados pela revista, seguramente foi ele quem mais contribuiu com este assunto na *Phoinix*.

Como, pore, eram realizadas as suas análises? Inicialmente, falemos das fontes utilizadas. Havia a preocupação em se usar de traduções estrangeiras, embora Fabio de Sousa Lessa, mesmo assim, o tenha feito, algumas vezes amparado em traduções nacionais⁶⁰. Fabio de Sousa Lessa não se utilizava apenas de fontes escritas, analisando também pinturas, para

⁶⁰ Uma de suas fontes utilizadas foi a versão de *Política*, de Aristóteles, da UNB; também utilizou-se de uma versão de *Vidas Paralelas*, de Plutarco, também de edição nacional.

tornar suas pesquisas mais completas. Reportando-se a obras de Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne⁶¹, para compreender a sociedade grega, e outras obras mais específicas para tratar de suas problemáticas em particular, como *La mujer en la Grecia clásica*, de Claude Mosse, historiadora francesa da Antiguidade, que produziu muitas obras relacionadas a Grécia Antiga, citando algumas: *A Grécia arcaica de Homero a Esquilo*, *O cidadão na Grécia Antiga*, *O processo de Sócrates*, *Atenas a História de uma democracia* entre outros. Fabio de Sousa Lessa também se reportou a obras como *Diosas, rameras, esposas y esclavas: mujeres en la Antigüedad Clásica*, de Sara B. Pomeroy, do artigo *Wives and husbands*, de Mart Lefkowitz para analisar questões específicas das relações entre maridos e esposas na Grécia Antiga como também das mulheres em geral.

Outros autores, como Adriana Soares Magdaleno, centraram suas análises nas representações da morte, como já havia feito Philip Ariès, décadas atrás. Magdaleno utiliza-se de obras nacionais e internacionais que tratam da temática da morte, de autores como Jean-Pierre Vernant e Jose Carlos Rodrigo⁶². Carlos Rodrigues realizou muitos estudos acerca das representações da morte e do corpo. Possuindo mestrado e doutorado em Antropologia Social, sua tese de doutorado foi acerca das representações da morte no ocidente, tendo realizado pesquisas nessa área em varias universidades como UFF, PUC-RIO, UFRJ entre outras. Adriana Soares Magdaleno trabalhava com conceitos de representação e é nítida a influência da história cultural em seus trabalhos. Em um de seus artigos publicados na *Phoenix*, a autora se expressa em relação aos preconceitos que historiadores com esse viés sofrem:

Notemos que temáticas como a história da morte, a história da ciência, a história “from below”, a história do cotidiano e outras foram consideradas como periféricas aos interesses dos chamados “verdadeiros historiadores”. (*Phoenix*, Nº 2, p.19).

Essas temáticas “*consideradas periféricas*”, à época, estão em muitos artigos da revista. A fala da Magdaleno se refere a historiadores como Ciro Flamarion Cardoso e Jacob Gorender, cujas críticas já foram citadas no primeiro capítulo. Desses trabalhos, mencionaremos *Cotidiano e poder nas famílias romanas de elite nos dois primeiros séculos do Império* e *Imagens do corpo grotesco durante a carnavalização do simpósio e do kosmos*

⁶¹ Obras como *As origens do pensamento grego* de Jean-Pierre Vernant, O mito: Orfeu no mel artigo de detiene , presente na coleção *História: novos objetos* organizada por Le Goff e Pierre Nora, uma das obras que divulgou a *Nouvelle histoire* da terceira geração dos Annales.

⁶² Jean-Pierre Vernant é um historiador da Antiguidade e, além de seus vários livros acerca da Grécia Antiga produziu trabalhos específicos sobre a morte: *La belle mort et le cadavre outrage* e *A morto nos olhos: figuração do outro na Grécia Antiga: Artêmis e Gorgo*. Já Jose Carlos Rodrigo escreveu *Tabu da morte*.

em Atenas no século V a.C.⁶³, escritos por Sônia Regina Rebel de Araújo e Alexandre Carneiro Cerqueira Lima respectivamente.

No primeiro caso, a autora analisa as relações entre marido, esposa, filhos e escravos. Examina a relação familiar e do cotidiano. A ligação da esposa com seu marido era também de pertença visto que ela ficava sob sua guarda, como se fosse sua filha. Em sua pesquisa, Sônia Regina se no apoio teórico-metodológico de autores como Jacques Le Goff. Ao adentrar o tema do cotidiano, ela também se mostra otimista com os estudos realizados nesta área:

O cotidiano como locus de análise histórica vem se mostrando um campo fértil para grandes debates históricos. J. Le Goff em *O historiador e o homem cotidiano*, fala da importância de se estudar aspectos comuns da vida, os materiais simples e os instrumentos de trabalho. (Phoênix, Nº 2, p.14).

No outro artigo citado, de Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, são examinados as representações do corpo em momentos específicos, o *simpósio* e o *kômos*. O simpósio era um banquete privado realizado entre amigos na Grécia Antiga, já o kômos era uma procissão que percorria a pólis de Atenas. O autor assemelha as duas situações a experiência, por nós conhecida, do carnaval, em situações em que a libertinagem é permitida, embora em certa medida, apenas. Utilizando-se de fontes tanto textuais (obras como *O banquete* de Platão, *As vespas* de Aristófanes e *As bacantes* de Eurípidés) como também de fontes iconográficas o autor procura perceber as representações do corpo nestas situações. O perfil de análise seguido por Alexandre Carneiro visa a perceber que, embora repreendida, e exatamente por isso estando na sociedade grega antiga, eram realizadas praticas de libertinagem nestas ocasiões.

Outra temática bastante recorrente na *Phoênix* são artigos que procuram entender o espaço tanto rural quanto urbano. Marcelo Rede em seu *Terra e poder na Antiga Mesopotâmia*, percebe a relação entre a posse de terras e o poder conferido dessa posse, a capacidade de se controlar o processo de produção agrícola. A principal ideia defendida por ele é de que a posse da terra tem como consequência a posse de riquezas e é um fator para diferenciação social. Outros trabalhos que também analisam o espaço é *Ésquilo e o mundo rural*, de Ana Livia Bonfim, no qual a autora analisa a importância do território rural na pólis ateniense. Percebia ela a relação dos calendários agrícola com a vida social e cultural da pólis.

⁶³ Outros artigos também tratam dessa temática na revista, como *O cotidiano dos operários faraônicos*, de Margareth Marchiori Bakos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como analisado neste trabalho, desde os anos de 1980, muito se produziu e se discutiu na área de História Antiga como a criação da SBEC, de revistas como a *Phoinix*, *Clássica* e *Hypnos* são fruto desta intensa produção. Pesquisadores de áreas diversas debatiam sobre História Antiga e os problemas que permeavam esta área, seja a dificuldade no estado de conservação das fontes, como notara Haiganuch Sarian, seja nos problemas em relação a como se trabalhar estas fontes. Situamos aqui algumas instituições que concentram os principais estudiosos nesta área, com grupos de pesquisas ativos e periódicos sendo produzidos. A UFF, UFRJ, USP e UFMG são instituições, sendo a elas que a maioria dos especialistas da Antiguidade se vincula para realizar suas pesquisas, pois nelas encontram grupos mais consolidados de pesquisa e onde podem encontrar apoio financeiro e intelectual para seus trabalhos. Demonstramos neste ensaio que este grupo de especialistas, que não se restringe a historiadores, embora eles foquem suas análises para a Antiguidade, não realizam seus trabalhos com igual perspectiva. Alguns focam-se no papel da mulher, outros no espaço rural ou urbano e outros nas representações do corpo e da morte, por exemplo. Fabio de Souza Lessa em muito contribuiu para as publicações sobre história da mulher e gênero, escrevendo vários artigos como *O matrimônio na historiografia grega* e *Rompendo o silêncio: vozes femininas em Atenas*. Autores como Alexandre Carneiro Cerqueira Lima trabalharam a imagem do corpo na Grécia Antiga utilizando-se de autores como Jose Carlos Rodrigues e Michel Foucault⁶⁴.

Esta diversidade apenas enriquece o conhecimento disponível da Antiguidade e também nos faz perceber como as discussões da historiografia de uma época podem ser percebidas nos artigos e livros produzidos.

Quanto à revista *Phoinix* em particular, procuramos nela perceber um perfil, pois formada, principalmente, mas não exclusivamente, por historiadores, uns mais atuantes, outros publicando raramente, uma ou duas vezes. Dentre os mais atuantes notamos como muitos ocupavam cargos importantes na revista e como estavam em constante contato. Era comum que auxiliassem seus colegas como orientadores ou que os elogiassem em seus artigos pela ajuda prestada. A *Phoinix* adquiriu mudanças durante todo o período analisado, embora mantivesse certa homogeneidade, o que justifica o recorte escolhido. A *Phoinix* não estava

⁶⁴ O livro de José Carlos Rodrigues utilizado foi *Tabu do corpo*. Quanto a Foucault, a obra utilizada foi *História da sexualidade*.

sozinha no empenho de propagar as pesquisas de História Antiga. Havia o esforço conjunto de um grupo de pessoas com objetivos semelhantes, que atuavam não apenas na revista, mas também em outros meios, em outros periódicos, como a *Clássica* e a *Hypnos*, para melhorar as condições de ensino e pesquisa em História Antiga, debater problemas relevantes sobre a posição desse grupo, dos historiadores da Antiguidade. Esperamos que, com este trabalho, possamos contribuir para uma síntese do que foi esta revista e também das lutas empreendidas pelos historiadores da Antiguidade nos anos de 1980 e 1990.

FONTES

Revista **Phoênix**. Edições de 1995-2001.

Revista **Anos 90**. Edição nº 3.

Revista **Cadernos de história**. Edição nº 1.

Revista **Estudos históricos**. Edição nº 8.

Site da plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/> (acesso em 03/07/2017)

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega Vol I**. Petropolis. Editora Vozes. 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaaios racionalistas**. Rio de Janeiro. Editora Campus. 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 1998.

PINTO, Neiva F. BRANDÃO, Jacyntho L. (org.). **Cultura Clássica em debate**. Belo Horizonte: UFMG/CNPq/SBEC. 1984.

Caderno de resumos do **XVIII Simpósios Nacional de História**.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. *As pesquisas sobre a Antiguidade Clássica no Brasil: cidadania e erudição*. IN: **Caderno de resumos do XIX Simpósios Nacional de História**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIES, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1990.
- BARROS, Jose D'Assunção. *A nouvelle histoire des annales: entre continuités e rupturas*. **Revista de História** Vol 5 nº1-2. Universidade Federal da Bahia. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. 1989.
- BLOCH, March. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar. 2001.
- BRAUDEL, Fernand. *A longa duração*. **Revista de História** nº 62. São Paulo. 1965.
- BURKE, Peter (org). **A escrita da História**. São Paulo. Editora Unesp. 2011.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989: A revolução francesa da historiografia**. São Paulo. Editora UNESP. 2010.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. **SBEC 20 anos: uma história**. (Disponível em http://www.classica.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=254 acesso em 09/07/2017).
- CARVALHO, Margarida Maria de. FUNARI, Pedro Paula A. Os avanços da história antiga no Brasil: algumas ponderações. IN: **História**, nº 26. São Paulo. 2007.
- CASTRO, Hebe. História Social. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro. Editora Campus. 1997.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo. Editora Unesp. 2014.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. São Paulo. Usp. 1991.
- CHEVITARESE, André Leonardo. CORNELLI, Gabriele. SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **A tradição clássica e o Brasil**. Brasília. Editora Fortium. 2008.
- CORDEIRO, Cecília Siqueira. *Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos*. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis. 2015.
- DALLABRIDA, Norberto. *A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário*. **Revista Educação** v. 32. Porto Alegre. 2009.
- DARNTON, Robert. História da leitura. IN: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo. Editora Unesp. 2011.
- FALCON, Francisco. História das ideias. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro. Editora Campus. 1997.
- FUNARI, Pedro Paulo A. **Antiguidade clássica a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Cidadania, erudição e pesquisas sobre a antiguidade clássica no Brasil*. **Boletim do CPA**. Campinas. Nº 3. 1997.
- GOFF, Jacques Le. **A história Nova**. São Paulo. Martins Fontes. 1990.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo. Editora Contexto. 2013.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo. Companhia das letras. 2006.
- HOLANDA, Sergio Buarque. **Para uma nova história**. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.
- LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. IN: NOVAES, Adauto (org). **Tempo e história**. São Paulo. Companhia das letras. 1992.
- LUCA, Tania Regina de. História do, nos, e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo. Editora Contexto. 2008.
- PINTO, Neiva F. BRANDÃO, Jacyntho L. (org.). **Cultura Clássica em debate**. Belo Horizonte. UFMG/CNPq/SBEC. 1984.
- VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. IN: **História: questões & debates**. Curitiba. Nº 50. Editora UFPR. 2009.